



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL			
EVENTO: Seminário	REUNIÃO Nº: 1690/16	DATA: 15/12/2016	
LOCAL: Plenário 2 das Comissões	INÍCIO: 09h51min	TÉRMINO: 12h13min	PÁGINAS: 50

DEPOENTE/CONVIDADO – QUALIFICAÇÃO

SARNEY FILHO - Ministro de Estado do Meio Ambiente.

PEDRO ALVES CORRÊA NETO - Secretário Substituto da Secretaria de Mobilidade Social, do Produtor Rural e do Cooperativismo — SMC, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

ERNST GÖTSCH - Cientista e pesquisador do método conhecido como Agricultura Sintrópica.

JOÃO BATISTA ARAÚJO - Pesquisador do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural — INCAPER/ES.

ANDRÉ LUIZ MEDEIROS RAMOS - Pesquisador e Líder do Programa Cultivos Florestais do Instituto Agrônomo do Paraná — IAPAR.

FERNANDO CASSIMIRO TINOCO FRANÇA - Coordenador Regional de Agroecologia da - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais — EMATER/MG.

SUMÁRIO

Seminário Novos Métodos para a Exploração do Sistema Agroflorestal Sucessional: Produção e Recuperação-Nova Agenda-Oportunidades e Desafios.

Painel 1 - Oportunidades e Desafios. Debate sobre o tema Sistema Agroflorestal Sucessional - Na Visão do Setor Público em Nível Estadual.

OBSERVAÇÕES

Houve a participação da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural.

Houve exibição de imagens.

Grafias não confirmadas: Albertassi, Anúncio.

Houve intervenção inaudível.

Houve intervenção ininteligível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Luiz Lauro Filho) - Bom dia, senhoras e senhores. Peço que se acomodem.

Declaro aberto o presente seminário da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, feito em conjunto com a Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural, destinado a debater o tema *Novos Métodos para Exploração do Sistema Agroflorestal Sucessional: Produção e Recuperação-Nova Agenda-Oportunidades e Desafios*.

Os requerimentos para a realização deste evento são de autoria dos Deputados Zé Silva e Evair Vieira de Melo, que já estão aqui ao meu lado compondo a Mesa.

Comunico a todos que o evento está sendo transmitido ao vivo pela Internet e poderá ser gravado pela *TV Câmara* para ser exibido posteriormente na grade de programação da emissora.

Todos os componentes da Mesa já estão aqui.

Registro a presença do nosso ilustre Deputado e hoje Ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho. Queria recebê-lo calorosamente aqui com uma salva de palmas. (*Palmas.*)

Como já mencionei, também está presente o Deputado Evair Vieira de Melo, um dos requerentes deste seminário, pela Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural, e o Deputado Zé Silva, membro, junto comigo, da Comissão de Meio Ambiente e que muito me ajudou durante este ano em que estivemos aqui. (*Palmas.*)

Registro a presença do Sr. Pedro Alves Corrêa Neto, Secretário Substituto da Secretaria de Mobilidade Social, do Produtor Rural e do Cooperativismo, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento — MAPA, e a do Sr. Ernst Götsch, cientista e pesquisador do método conhecido como agricultura sintrópica. (*Palmas.*)

Prestados os esclarecimentos e tendo a Mesa composta, eu informo que cada um dos palestrantes terá o tempo de até 20 minutos — 10 minutos e mais 10 minutos se necessário for. Desde já agradeço a cada convidado e peço-lhes que observem o tempo proposto para a sua exposição. Há um cronômetro à esquerda deste plenário para orientá-los nesse sentido.



Informo aos palestrantes, aos Parlamentares e aos demais presentes que esta Comissão promoverá um debate interativo neste seminário por meio do portal e-Democracia, que é uma ferramenta interativa da Câmara dos Deputados.

Servidores desta Comissão estão encarregados de moderar as perguntas dos internautas que acompanham este seminário, as quais serão respondidas pelos nossos convidados ou pelos Parlamentares ao final dos debates.

Aqueles que desejarem ter acesso à rede de Internet WiFi poderão retirar a senha nas portarias desta Casa.

Tendo em vista que esta reunião está sendo gravada, solicito aos palestrantes o obséquio de sempre utilizarem o microfone para as suas intervenções.

Peço aos palestrantes, ainda, que assinem a autorização para que a Câmara dos Deputados publique as suas exposições e utilize as suas imagens para transmissão pela Internet e em programas desta Casa.

Vou tecer brevíssimos comentários aqui.

Primeiramente, agradeço mais uma vez ao Ministro Sarney Filho por estar presente não só a este seminário, mas a todos que fizemos. S.Exa. sempre nos deu um grande apoio, ao Presidente e aos membros desta Comissão. Como Ministro que é e também como Deputado Federal, soube dar grande importância aos Parlamentares, fazendo agendas propositivas aqui no Congresso Nacional, recebendo todos nós em quase todas as quartas-feiras, um dia que todos os Deputados aqui estão.

Parabenizo os Deputados Evair Vieira de Melo e Zé Silva pelos louváveis requerimentos.

Como está acabando o ano e ontem nós tivemos a última reunião ordinária da Comissão, fui orientado pela Assessoria e pela Secretaria-Geral da Comissão para estar presente e, de forma simbólica, como Presidente da Comissão, abrir este seminário. Mas eu vou, de forma justa, passar a palavra aos dois autores do requerimento para a realização deste seminário.

Primeiramente, passo a palavra ao Deputado Zé Silva, a quem convido para assumir a presidência dos trabalhos. Em seguida, passarei a palavra ao Deputado Evair Vieira de Melo.



Agradeço a todos pela presença e pela importância que estão dando a este tema tão relevante para o nosso País.

Muito obrigado! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Bom dia a todas e a todos! Quero, inicialmente, cumprimentar o Presidente Luiz Lauro Filho, que encerra com chave de ouro a sua presidência nesta Comissão, onde debatemos assuntos importantes para o País. S.Exa., com a juventude e a liderança que tem, conduziu com maestria esta Comissão.

Cumprimento também toda a assessoria da Comissão de Meio Ambiente e toda a assessoria da Comissão de Agricultura.

Quero convidar o Deputado Evair Vieira de Melo a ficar ao meu lado esquerdo — nós somos parceiros, e, como diz o poeta mineiro, o lado esquerdo é o lado do coração. Eu e o Evair somos extensionistas rurais. Então, quero agradecer-lhe pela parceria. Ele aqui representa a Comissão de Agricultura.

Cumprimento o Ministro Sarney Filho, uma referência nas questões ambientais do nosso País, e agradeço-lhe pelos resultados e pela maneira com que vem conduzindo o Ministério. Sabemos dos embates que sempre são colocados na mesa e na arena política e que são fundamentais para avançarmos.

Então, Ministro, obrigado pela presença e parabéns pela sua história de trabalho.

Cumprimento o Sr. Ernst Götsch. *Bonjour, monsieur!* Ele é uma referência nos trabalhos de agroecologia. Cumprimento o Sr. Pedro, do Ministério da Agricultura. Cumprimento também os representantes das entidades que estão aqui: representantes do INCRA, representantes da Secretaria Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

Está aqui também o Deputado Augusto Carvalho, que é debatedor em um dos painéis. S.Exa. é do nosso partido, o Solidariedade, e em seu nome eu cumprimento toda a liderança do nosso partido.

Cumprimento todos os presentes, bem como à nossa assessoria.

Haverá três painéis hoje. O primeiro trará uma visão estadual do sistema agroflorestal e da agroecologia. Então, falarão autoridades dos Estados. O Deputado Evair Vieira de Melo será o coordenador/debatedor desse painel.



No segundo painel, serão apresentadas experiências exitosas. E, aí, o Ernst terá um papel fundamental. Possivelmente, participarão outros agricultores, pesquisadores, extensionistas rurais.

Eu fiz questão, Ministro — e agradeço ao Deputado Evair Vieira de Melo e à Liderança do PV, altamente envolvida —, de ser o coordenador/debatedor desse painel, até pela minha história.

Eu morei no meio rural grande parte da minha juventude. Meu pai era o que em Minas nós chamamos de retireiro de fazenda. Nós éramos amansadores de cavalo — hoje, o termo moderno é domador de cavalo. Vivi grande parte da minha juventude no meio rural. Naquela época, a tecnologia era mais adaptada à natureza. Então, abríamos as lavouras, desencoivávamos, cercávamos a vegetação, porque havia muitos animais — cateto, queixada, entre outros.

Depois, eu fiz agronomia. Tive a oportunidade de ser vizinho do Ernst. Vivi a experiência de ver como os agricultores franceses produziam, como o Estado francês tratava os seus agricultores. Voltei e fui trabalhar no primeiro assentamento do Governo civil brasileiro, no Triângulo Mineiro, num momento de fortes tensões pela terra. Havia um embate muito forte entre a UDR e o MST.

Estou na EMATER/MG há 26 anos. Deve estar chegando um companheiro de trabalho meu e do Deputado Evair Vieira de Melo também, o Tinoco. Ele mudou o nome. Hoje nós o chamamos em Minas Gerais de Tinoco “orgânico”.

Fizemos o primeiro seminário de agroecologia do Brasil em Minas. Eu tive a oportunidade, Ministro, como Secretário de Estado de Agricultura de Minas Gerais, de fazer a primeira lei — não sei se outros Estados têm — de agroecologia e agricultura orgânica.

Por isso, eu fiz questão de ser o coordenador/debatedor desse painel. Quero ouvir as experiências exitosas. Eu tenho certeza de que este seminário tem, principalmente, este papel: trazer o tema para o Congresso Nacional, que tem mais de 10 mil assuntos em pauta. É uma contribuição para as gerações futuras.

E o último painel trará uma visão federal sobre o sistema agroflorestal. O Deputado Augusto Carvalho fará esse debate.

Feitas essas considerações, agradeço a todos.



Deputado Evair, vou passar a palavra para o Ministro. Em seguida, V.Exa. assumirá a direção dos trabalhos do primeiro painel.

Ministro, queremos ouvi-lo.

O SR. MINISTRO SARNEY FILHO - Cumprimento o Deputado Zé Silva, que preside os nossos trabalhos sobre novos métodos para exploração do sistema agroflorestal sucessional; o Sr. Pedro Alves Corrêa Neto, Secretário Substituto da Secretaria de Mobilidade Social, do Produtor Rural e do Cooperativismo, do Ministério da Agricultura; o Deputado Evair Vieira de Melo, que, da mesma forma que o Deputado Zé Silva, teve a sensibilidade e o senso de oportunidade de propor a realização deste seminário; o Sr. Ernst Götsch, renomado cientista; as minhas amigas e os meus amigos; as senhoras e os senhores aqui presentes. Bom dia a todos.

Quero, antes de tudo, agradecer o convite para participar deste evento tão importante, por seu tema, e tão significativo para o momento em que vivemos, por reunir, na mesma agenda, meio ambiente e agricultura.

O Ministro Blairo Maggi, que não pôde vir, tem sido um valioso interlocutor e parceiro no entendimento de que preservação e produção devem andar juntas.

Tenho um profundo respeito pelo Parlamento. Sou Parlamentar e considero que o debate qualificado de ideias para fazer leis e exercer as prerrogativas constitucionais, tarefa precípua do Parlamento, deve ser honrado com o melhor de nossos esforços. A unanimidade é impossível e até indesejável, mas sempre há, entre pessoas de boa-fé, espaço para o entendimento.

No Ministério do Meio Ambiente, procuro promover o diálogo em todas as instâncias possíveis, com os diversos setores da sociedade. O diálogo entre Executivo e Legislativo é essencial para a estabilidade das instituições e o bom andamento das políticas públicas. Prezo de tal forma essa relação entre os dois Poderes que estabeleci o hábito de despachar todas as quartas-feiras aqui nesta Casa.

Quero saudar o eminente cientista Ernst Götsch, colaborador do Ministério e mestre muito admirado por nossos técnicos, e agradecer-lhe pela dedicação à restauração, recomposição e regeneração de áreas alteradas e degradadas em nosso País, que se tornou também o seu País. Sua experiência com sistemas



agroflorestais é referência para o que devemos fazer nos próximos anos para cumprir nossas metas ambientais. O modelo sucessional proposto e executado por Götsch respeita os ritmos da natureza, revelando, assim, seu assombroso potencial.

A sociedade brasileira está tomando cada vez mais consciência de que a cobertura vegetal nativa conservada e recuperada é essencial à disponibilidade e à regularidade de chuvas e à manutenção de mananciais necessários para a produção rural e industrial.

Somado a isso, estamos em um momento único para possibilitar o cultivo de espécies nativas juntamente com espécies de produção agrícola e de rápido crescimento, devido à oportunidade de regularização ambiental dos imóveis. As condições são as mais próprias para harmonização entre a agricultura e a conservação florestal, tornando os nossos produtos cada vez mais valorizados, em um mercado internacional com exigências crescentes quanto à conformidade ambiental da produção e ao consumo de alimentos saudáveis, com responsabilidade social.

Os sistemas agroflorestais sucessionais representam uma resposta estratégica a este novo mundo mais saudável e mais responsável que queremos. O uso de sistemas agroflorestais está previsto no novo Código Florestal para a proteção da vegetação nativa em áreas de preservação permanente e reserva legal e para a recuperação da cobertura vegetal nativa e de suas funções ecossistêmicas, com programas e linhas de financiamentos específicos.

Assim como o manejo sustentável da vegetação florestal nativa, os sistemas agroflorestais, além de promoverem a recuperação das funções das APPs e reservas legais, contribuem para as estratégias de conservação da biodiversidade. Trata-se, ainda, de importante alternativa de fonte de renda para agricultores e comunidades tradicionais.

Muitas experiências pelo Brasil mostram o êxito do sistema, tanto no tocante à produtividade, quanto à qualidade e à diversidade dos produtos. Temos empreendido diversas ações de capacitação, mobilização e articulação, de forma a prover apoio técnico, financeiro e de execução da regularização ambiental dos imóveis rurais, apoiando o setor produtivo primário a ampliar mercados.



A partir de agora, com a conclusão da primeira fase do Cadastro Ambiental Rural, que era do povoamento... Quero dizer que, quando nós assumimos o Ministério, houve uma polêmica sobre o prazo para o encerramento do Cadastro Ambiental Rural. Quando eu entrei, esse prazo já tinha sido prorrogado por 1 ano para os pequenos proprietários, havia um projeto aqui para estender esse prazo para os grandes proprietários, e eu aprovei essa extensão do prazo. Depois, além de 1 ano, ainda colocaram na lei a possibilidade de mais 1 ano. Isso não tinha sido combinado, mas tudo bem. Agora, em menos de 1 ano, nós conseguimos concluir o Cadastro Ambiental Rural no que diz respeito à competência do Executivo. O Cadastro Ambiental Rural está concluído, está disponibilizado e já foi para os Estados. Cabe agora aos Estados implantarem o PRA — Programa de Regularização Ambiental, para que possamos fazer com que o que há de bom no novo Código Florestal possa ser cumprido.

Tenho certeza de que, no que depender do Ministério do Meio Ambiente, quanto a todos os instrumentos, todos os recursos necessários para que esse sistema possa entrar em vigor o quanto antes, o que hoje é responsabilidade dos Estados, nós iremos fazer todos esses esforços. Já estamos dando ajuda para oito Estados e vamos tentar estender, através da utilização dos fundos, sejam eles internacionais, seja o Fundo Nacional do Meio Ambiente, para que os Estados possam se capacitar.

Também quero aproveitar, caro Deputado Zé Silva, caro Deputado Evair de Melo, para esclarecer um problema que ficou muito marcado. Ontem, por exemplo, atendi a 25 Parlamentares, entre Senadores e Deputados, muitos deles ligados ao agronegócio. Vieram me perguntar a respeito do Cadastro Ambiental Rural — CAR. Queriam saber se a CNA está me processando por eu ter colocado dados sigilosos dos proprietários na Internet, por ter disponibilizado isso à sociedade. Eu lhes disse a verdade dos fatos: tão logo nós concluimos o Cadastro Ambiental Rural, conforme manda a lei, coloquei os dados na Internet, e estão disponíveis para quem quiser usar. Já os mandei para os Estados da mesma forma. Mas, em momento algum, Deputado Zé Silva, eu autorizei aquilo que a lei não permitia: divulgação do nome do proprietário, do nome da propriedade e do RG. Isso está sob consulta na CGU. Nós fizemos a consulta e estamos aguardando o seu resultado, sem nenhum problema.



O que ocorre é que os Estados hoje têm esses dados todos, e cada Estado pode, se quiser e se achar conveniente, disponibilizar o que achar que pode disponibilizar. Aí a responsabilidade não é da União, é dos Estados.

Estava até brincando com uma jornalista que me perguntou sobre isso. Eu disse que acho que a CNA tem que ir aos Estados, porque eu já soube que Mato Grosso e Pará estão dando todos os dados. Eu, pessoalmente, sou a favor disso. Acho que a transparência e o controle social são fundamentais. Mas eu respeito o que a lei determina e os ritos legais. Evidentemente, não vai ser na minha gestão no Ministério que vamos fazer nada que possa ser considerado ilegal.

Então, já fizemos o Cadastro Ambiental Rural. Ele já está com 99,5% das propriedades cadastradas. Hoje é um instrumento que o Poder Executivo, no que diz respeito à União, já dá como missão cumprida. Cabe aos Estados agora fazer o Programa de Regularização Ambiental — PRA e, através dele, começar a recuperação e a regularização fundiária daqueles que desmataram ilegalmente, para se adequarem à nova legislação.

Em 2016, o Ministério do Meio Ambiente, por intermédio do Serviço Florestal Brasileiro, promoveu dois cursos práticos presenciais na Amazônia — em Santarém, no Estado do Pará; e em Porto Velho, no Estado de Rondônia —, com os temas: *Negócios Florestais* e *Silvicultura Tropical*, abordando técnicas de produção e comercialização de produtos de florestas nativas e agroflorestais. No mesmo âmbito de capacitação, faremos um curso para a América Latina, na modalidade de ensino a distância, sobre os sistemas agroflorestais em ambientes de florestas tropicais, a ser disponibilizado entre 2017 e 2018, com suporte de conteúdo pedagógico e de docentes da Universidade Federal do Amazonas, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, sob a coordenação do Centro Agronômico Tropical de Investigação e Desenvolvimento da Costa Rica e com o apoio técnico e financeiro do Governo alemão, por meio da Agência GIZ e do Banco KfW.

O Ministério tem projetos para a instalação de quatro Centros de Desenvolvimento Florestal Sustentável no País, de maneira a fomentar a cadeia de silvicultura tropical, a recuperação de áreas alteradas e degradadas e a produção agroflorestal, também com a cooperação financeira internacional.



A missão dos centros é prover insumos para a cadeia produtiva de recuperação da vegetação nativa e combater a pobreza, gerando renda a partir da coleta e comercialização de sementes e mudas e de serviços de instalação de silvicultura e agroflorestas por comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, quilombolas e indígenas.

Já há um centro em funcionamento: o Programa Arboretum, em Teixeira de Freitas, na Bahia, fruto de um acordo entre o Ministério Público daquele Estado e indústrias de celulose e papel. A coordenação técnica é do Serviço Florestal Brasileiro, em parceria com o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a EMBRAPA Tabuleiros Costeiros, a Universidade do Estado da Bahia e o Instituto Federal Baiano.

Em 2017 — no ano que vem, portanto —, a partir do Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal, em parceria com o Governo do Distrito Federal, lançaremos um edital para a seleção de projetos de recomposição florestal no Distrito Federal.

Além disso, elaboramos, apoiamos e divulgamos durante este ano diversas publicações sobre o tema que hoje estamos discutindo. Quero destacar o *Guia de Financiamento Florestal* — eu vou repassá-lo ao Deputado Zé Silva, porque o Deputado Evair é do PV, nós estamos sempre juntos; depois, eu vou distribuí-lo aos demais —, que organiza as informações disponíveis quanto ao crédito rural e, sobretudo, quanto às linhas que contemplam as atividades florestais. Destaco, também, o *Panorama dos Fundos Socioambientais Estaduais*, que apresenta, de forma compilada, todos os fundos ambientais ativos nos Estados que apoiam projetos florestais e agroflorestais com recursos não reembolsáveis.

Destaco essas duas publicações por compreender que não basta que haja fundos; é preciso apoiar entes federativos, especialmente os Municípios mais pobres, para que tenham realmente acesso a esses recursos e consigam executá-los com bons resultados socioambientais.

Pretendemos, por fim, amigas e amigos, ajudar agricultores, comunidades tradicionais, Municípios e Estados a plantar florestas de forma sustentável e próspera. Nesse sentido, o Ministério está inteiramente à disposição, com a participação dos técnicos do Serviço Florestal, que já estão aqui, e dos técnicos da



Secretaria de Biodiversidade. Aqui há representantes do IBAMA também, que vão assistir a todo o seminário e vão nos fazer um relato depois.

Tenho certeza de que os subsídios que daqui sairão servirão para que os Deputados possam aprimorar propostas legislativas que possam balizar o desenvolvimento sustentável do nosso País.

Acaba de chegar a Presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis — IBAMA, Suely Araújo, meio insone, porque são tantos os problemas que ela está perdendo o sono, coitada. Mas estamos resolvendo muitos desses problemas.

Quero desejar a todos um feliz trabalho. Que seja próspero! Que nossos Parlamentares se inspirem nessas ideias inovadoras, ideias modernas, ideias contemporâneas, ideias que levam em conta a fragilidade do mundo de hoje, com quase 8 bilhões de habitantes, a necessidade dos ecossistemas, a crise hídrica. Enfim, estamos vivendo um momento difícil, mas com criatividade, com participação, com solidariedade nós haveremos de superá-lo.

Muito obrigado e bom trabalho a todos. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Ministro, obrigado pelas suas palavras. Quero agradecer o presente. *(Mostra livro.)* Já olhei rapidamente. São várias oportunidades de financiamento florestal.

Quero cumprimentar os Parlamentares: o Deputado Juscelino Filho, a quem agradeço, porque eu vi que S.Exa., muito jovem, está atento, com certeza, às necessidades das gerações futuras; o Deputado Peninha, extensionista de Santa Catarina; o Deputado Luiz Cláudio, extensionista de Rondônia; o Deputado Goulart; o Deputado Hélio. Agradeço aos Parlamentares que, mesmo com a dinâmica da Câmara, estão presentes aqui.

Faço um agradecimento especial ao Subsecretário da Agricultura Familiar da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário, o Sr. Everton Paiva. Obrigado, Everton, por representar também vários desses programas que estão lá na Secretaria. Com certeza, é preciso facilitar a liberação desses recursos.

Agradeço à Presidente do IBAMA a presença. O Ministro disse que também estão aqui também funcionários do Ministério. É muito importante ouvir as



demandas. Com certeza, Ministro, estaremos, sim, procurando aperfeiçoar. Quero cumprimentá-lo por sua visão de estadista em relação ao Cadastro Ambiental Rural.

Durante a minha vida toda, a causa que defendo é basicamente a agricultura familiar. Tínhamos muitas dificuldades nos Estados. E, quando chega a quase 100%, realmente, é hora de fazer valer a parte boa do Código Florestal.

Inclusive, esta semana, um grande jornal do Brasil acusava o Código Florestal de permitir a abertura de mais florestas. Eu não acredito nisso, mas temos que ler.

Deputado Evair, pela dinâmica aqui, vamos passar a palavra ao Pedro e depois ao Ernst. Em seguida, V.Exa. já assume para coordenar o primeiro painel.

Pedro, você vai participar do painel, mas agora, durante a abertura, vai fazer as suas considerações iniciais por 5 minutos.

O SR. PEDRO ALVES CORRÊA NETO - Bom dia a todos e a todas.

Eu quero cumprimentar o Sr. Ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, o Deputado Zé Silva e o Deputado Evair Vieira de Melo, na pessoa de quem eu saúdo todos os Parlamentares presentes.

O Deputado Evair Vieira de Melo é um entusiasta da agricultura e tem colaborado constantemente com o nosso Ministério para promovermos caminhos para o avanço da agricultura sustentável no Brasil.

É com muita satisfação que, em nome do Ministro Blairo Maggi, cumprimento esta Mesa. O MAPA acolhe o convite para estar nesta Comissão e conversar um pouco sobre este sistema tão interessante que é o sistema agroflorestal sucessional.

O Ministério da Agricultura tem como desafio e como missão a promoção do desenvolvimento sustentável do agronegócio, em benefício da sociedade brasileira. E a fala do Sr. Ministro da Agricultura foi muito valorosa ao ressaltar o nosso esforço de promover um equilíbrio entre a produção, a responsabilidade ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, uma questão muito presente, hoje, no discurso do MAPA, personificado na pessoa do Sr. Ministro Blairo Maggi, é a necessidade de avançarmos nessa integração, nessa harmonização entre os sistemas disponíveis e os sistemas de agricultura, para que possamos ter reconhecida, de fato, a nossa responsabilidade ambiental e o nosso compromisso com as questões ambientais e climáticas no mundo e isso seja um diferencial competitivo do nosso produto.



O Ministro Blairo gosta de dizer que 61% da nossa extensão de terra ainda é vegetação nativa. Então, mecanismos como os citados aqui na fala do Sr. Ministro do Meio Ambiente e outros que o País tem experimentado devem, além de refletir o nosso esforço na conservação e no equilíbrio ambiental, representar diferencial de mercado para os nossos produtos.

Os sistemas agroflorestais são uma alternativa viável, e o Ministério da Agricultura os apoia. O Departamento de Desenvolvimento das Cadeias Produtivas e da Produção Sustentável, que eu dirijo, professor, tem uma perna ancorada no desenvolvimento desses sistemas, especificamente os agroflorestais, por serem modelos acessíveis e responsáveis. Eles apresentam possibilidades acessíveis e alternativas interessantes e têm uma abrangência social relevante. Nós não estamos falando especificamente das grandes áreas, não estamos falando especificamente das grandes culturas — sem demérito a sua importância, muito pelo contrário —, mas estamos falando exatamente de alternativas.

Além de tudo isso, os sistemas agroflorestais, especificamente em relação ao tema que vamos discutir aqui hoje, são possibilidades de manejo plenamente aderentes a questões práticas da sustentabilidade que procuramos desenvolver hoje.

Num primeiro olhar, tendo como pano de fundo a experiência que o próprio Ministério da Agricultura vem desenvolvendo em parceria com outras entidades, como Ministério do Meio Ambiente, IBAMA, EMBRAPA, nós enxergamos como desafio a adaptação dessas tecnologias. Nós precisamos fazer com que o acesso a elas seja cada vez mais ampliado aos produtores de todas as escalas, em especial o pequeno produtor. E como oportunidade nós enxergamos a agregação de valor e as possibilidades de melhor ou de pleno aproveitamento de uma propriedade. A implementação desse tipo de sistema privilegia grandes possibilidades, pois um pedaço de terra pode se multiplicar de acordo com o manejo feito.

O MAPA já tem algumas iniciativas próprias nessa mesma linha. Um exemplo é o nosso esforço para implementação da agricultura de baixa emissão de carbono, com as tecnologias do Plano ABC. Nele destacamos a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta — ILPF. Já na linha da agroecologia, o MAPA tem os seus Cadernos do



Plano de Manejo Orgânico, com o objetivo de dar orientação e balizamento aos produtores.

Lançamos, recentemente, as Fichas Agroecológicas, que são compêndios de temas específicos de manejo, de fácil acesso, organizadas de forma didática, para que sejam inteligíveis para o nosso produtor. Uma linha anterior a essa é a produção integrada, em que a intenção é movimentar, organizar o sistema de produção, no sentido de haver uma certificação para o produtor, com agregação de valor e diferencial de mercado.

O que o Ministério da Agricultura espera é poder, cada vez mais, avançar nessa construção, participar de ambientes de discussão como este. Quero parabenizar esta Comissão pelo trabalho intenso e profícuo, trazendo temas alternativos, inovadores, como é o caso deste, para a mesa discussão. Deixo registrada a nossa intenção de avançar e estarmos cada vez mais juntos nesse contexto de desenvolvimento.

Muito obrigado pela oportunidade. Parabéns! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Agradecemos ao Sr. Pedro Corrêa a participação. Logo mais, ele participará do último painel, que terá a moderação do Deputado Augusto Carvalho.

Passo a palavra, por 5 minutos, ao Sr. Ernst Götsch, cientista, para as considerações iniciais sobre o seminário.

O SR. ERNST GÖTSCH - Bom dia a todos! Agradeço muito ao Ministro Sarney Filho e aos proponentes deste evento, Deputado Zé Silva e Deputado Evair Vieira de Melo, o convite para participar desta Mesa.

Eu vou falar brevemente sobre o trabalho que realizo há mais de 40 anos, na tentativa de criar agroecossistemas parecidos, na sua dinâmica, no seu modo de funcionamento e na sua estrutura, aos ecossistemas naturais e originais dos locais de nossas interações.

Eu fiz isso nos mais variados ecossistemas: no subdeserto, a 5.300 metros acima do nível do mar, em torno do Salar de Uyuni, nos Andes, e nos trópicos úmidos. Estou trabalhando há mais de 30 anos no baixo sul baiano, na zona cacauera, que é o lugar em que vivo. Mas trabalho em muitos outros lugares, e em cada um deles sempre cheguei à conclusão de que são um paraíso só.



Pergunto-me, toda vez, por que nós seres humanos não conseguimos ser queridos, ser úteis pela terra, ou seja, pelo planeta, assim como todas as outras espécies. Por que não conseguimos aquilo que todos os outros animais, com exceção dos seres humanos, em conjunto com seus aliados, animais domesticados, conseguem? Precisamos criar recursos em todos os lugares onde se pode obter um saldo energético positivo, tanto em qualidade como em quantidade de vida consolidada, tanto no saldo das nossas interações como no saldo do próprio planeta. Alguma coisa está errada.

Nós estamos tratando de uma crise que é nossa; não é a crise do planeta, é a crise do ser humano. E essa crise se repete há 10 mil anos, há 12 mil anos, desde o começo do período interglacial. Já há 12 mil anos, o ser humano sempre está em conflito, na minha interpretação. Dizem os antropólogos que um animal de estepe apareceu uns 35 mil anos atrás, ou seja, no tempo mais seco da última época glacial, e ele perdeu o hábitat com a mudança de clima que houve há uns 12 mil anos. Mais ou menos 86% dos ecossistemas onde ele habitou naquele tempo viraram floresta. Inclusive no lugar em que estou morando agora, dizem os ecólogos que, naquele tempo, não havia floresta, era duna. Então o ser humano, em vez de buscar, depois dessa mudança brusca, um novo nicho dentro do ecossistema predominante, a floresta, ele vem se afastando da floresta, o que faz até hoje.

O conflito que temos entre a agricultura e o meio ambiente reflete o desacerto. Nós deveríamos trabalhar, ou seja, focar nossos esforços para criarmos agroecossistemas parecidos aos ecossistemas naturais e originais dos lugares onde nós trabalhamos. Isso não seria complicado, nada é complicado.

A precondição para que tenhamos comida é floresta e, em todos os lugares, se eu planto milho, feijão, alface, eu tenho que plantar árvores para poder derrubá-las de novo.

Aqui há muitas pessoas da geração que começou a trabalhar na década de 70, 80, 90 derrubando em grande escala florestas neste País, ou seja, é um período muito curto ainda.

Eu mesmo, quando cheguei aqui pela primeira vez, em 1976, viajando milhares de quilômetros do Paraná para Mato Grosso, depois indo para o Pará e descendo de novo para o Rio de Janeiro, percebi que em quase todos os Estados,



no interior do País, estavam derrubando florestas em muitos lugares. Em milhares de quilômetros eu via sempre a mesma coisa: caminhões cheios de madeira, entupindo as rodovias. Depois, do lado, árvores derrubadas e, de vez em quando, as palmeiras em pé, de 20 metros, de 30 metros de altura. Mas as toras que eles levaram, que eles falam hoje em dia que eram naturais do cerrado, de Maringá até Campo Grande, Cuiabá, enfim, as madeiras que eles tiraram daqueles lugares não foram aquelas árvores retorcidas de 5 metros, 7 metros de altura. Eram árvores de 30 metros, 40 metros de altura, com 3 metros de diâmetro, que foram derrubadas da floresta. Por que não conseguimos trabalhar com o ecossistema da floresta?

Soja é bom, milho é bom. Vamos plantar soja e milho, vamos plantar banana, vamos plantar cacau, vamos plantar café, vamos plantar tudo o que nós queremos, mas é condição para que tenhamos aquilo, para que consigamos aquilo, que plantemos floresta no lugar e criemos formas de nossas culturas serem úteis. No momento ainda existe um antagonismo, achando que soja contradiz com floresta. *“Eu não vou plantar soja debaixo da floresta, mas eu derrubo uma floresta e planto soja.”* E acham isso muito bom.

Eu posso plantar árvores, eu posso fazer a mesma coisa, como aprendi com o povo indígena na Costa Rica. Os índios plantavam anualmente na floresta, sem ter nada em mente, como feijão e milho. Cada ano eles podavam as árvores no momento em que elas perdiam as folhas, formando húmus. As árvores perdem as folhas na época em que o brasileiro planta a tal da safrinha. Isso combina maravilhosamente. Depois, na colheita, aquela floresta já se recuperou, ou seja, as árvores podadas já se recuperaram. O resultado é uma maravilhosa colheita de feijão, milho e verdura, do que se quiser, e poderíamos fazer algo parecido.

Agora gostaria de apresentar um pequeno filme e depois fazer alguns comentários. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Zé Silva) - Muito obrigado, Ernst. De acordo com a programação, nós vamos apresentar o filme na sequência, já no painel do qual vai participar, e terá 20 minutos para a exposição. Agora foi só a abertura, para criar expectativa, porque todos já o conhecem, mas sempre é bom ouvi-lo.

Eu quero mais uma vez agradecer ao Sr. Ministro Sarney Filho, ao Sr. Pedro Corrêa e ao Sr. Ernst Götsch a presença.



Agora vamos desfazer esta Mesa.

Aproveito para apresentar aos senhores o Tinoco “orgânico”, de quem eu tinha falado, da EMATER de Minas Gerais, e o João “orgânico”. Se fosse em Goiás, seria a dupla Os Orgânicos.

Passo a coordenação dos trabalhos para o Deputado Evair Vieira de Melo. Muito obrigado, Deputado. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Senhoras e senhores, bom dia.

Quero fazer uma saudação a todos aqueles que compuseram a Mesa, particularmente ao Deputado Zé Silva, que foi, junto comigo, o autor e proponente da requisição do nosso seminário.

Quero agradecer aos convidados que hoje puderam estar presentes, em especial ao Ministro Sarney Filho, do Partido Verde, que hoje lidera a Pasta do Meio Ambiente no Executivo, ao Deputado Juscelino, do Maranhão, ao Deputado Rogério Peninha Mendonça, ao Deputado Goulart, ao Deputado Heitor Schuch e ao Deputado Zé Silva.

Quero convidar o Sr. João Batista Araújo para integrar a Mesa comigo neste primeiro painel. Ele é meu amigo, da minha cidade, da minha terra natal. É uma alegria tê-lo aqui.

Eu quero, inclusive, deixar registrada a minha solidariedade aos capixabas. Nós passamos, nesses 3 anos, pela maior seca da nossa história e, nesta manhã, por causa da chuva, mais de dez cidades ficaram completamente inundadas, estradas foram interditadas. O Espírito Santo está em estado de calamidade pública.

O João Batista, coincidentemente, é meu vizinho de rua, moramos no mesmo bairro, na mesma cidade, em Venda Nova do Imigrante. O João é, com certeza, um dos mais brilhantes técnicos da Academia, da pesquisa científica brasileira, da pesquisa agroecológica, orgânica. O João faz isso pela ciência, mas também por convicção, por crença, por fé. O João hoje integra os quadros do INCAPER — Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, instituição de pesquisa científica que há mais tempo no Brasil tem produção científica na área orgânica e agroecológica. Ele e a equipe do INCAPER, uma equipe brilhante,



fizeram entregas importantes para a sociedade. Eles atuam com produção científica nessa área, o que muito engradece todo esse setor.

Também convido para integrar a Mesa o Sr. André Luiz Medeiros Ramos, do IAPAR — Instituto Agrônomo do Paraná, um dos orgulhos do Brasil na produção científica. Hoje, o IAPAR é presidido pelo Sr. Florindo Dalberto, pesquisador renomado e conhecido de toda a Academia brasileira. Florindo está me sucedendo no Conselho Nacional dos Sistemas Estaduais de Pesquisa Agropecuária — CONSEPA. Quanto presidi o INCAPER, tive a oportunidade de presidir também o CONSEPA, e o Florindo Dalberto me sucedeu muito bem.

Tinoco, o nosso Tinoco “orgânico”, como diz o Deputado Zé Silva, junto com o nosso João “orgânico”, formou uma bela dupla. Tinoco é da nossa mais antiga empresa de assistência técnica e extensão rural do Brasil, a mãe de todos nós, a mãe da extensão rural brasileira, a EMATER de Minas Gerais.

João, se nós fizemos 60, a EMATER tem um pouquinho mais. O INCAPER, no Espírito Santo, já foi EMATER. Depois que se juntou com a pesquisa é que virou INCAPER.

A EMATER do Estado de Minas Gerais é a mãe de todos nós, foi a grande escola, foi o chamado pré-serviço, onde todos nós aprendemos e onde foi construída essa concepção de assistência técnica e extensão rural no Brasil. A EMATER de Minas Gerais é essa grande referência para todos nós.

Tinoco, leve o nosso abraço também a todos os extensionistas da EMATER de Minas Gerais e o nosso agradecimento ao povo mineiro, que espero que continue amando e frequentando o Estado do Espírito Santo. Sempre é uma alegria recebê-los em nosso território. Esta Casa hoje tem a oportunidade de contar com o Parlamentar Zé Silva, que é extensionista de carreira, de profissão, presidiu por muitos anos a EMATER de Minas Gerais e depois chegou à Secretaria de Estado de Agricultura, ligada ao nosso setor.

É com muita alegria que nós estamos juntando essas duas pautas.

Deputado Augusto, eu sou muito católico. Esta foi a semana de Santa Luzia. Eu respeito a todos, mas eu acho que foi Santa Luzia que abriu os nossos olhos para que pudéssemos, João, apesar da agenda tumultuada nesta Casa, encerrar o ano brilhantemente, entregando uma agenda positiva para o Brasil — este



Parlamento está devendo muito ao Brasil. A partir das nossas atuações, da minha, pela agricultura, e da do Deputado Zé Silva, pelo meio ambiente, numa combinação de fatores, estamos encerrando, em tese, com este brilhante seminário, os trabalhos das Comissões nesta Casa este ano.

Eu quero, com minha crença religiosa, creditar isso na conta de Santa Luzia, que abriu os nossos olhos. Cada um tem sua crença em seu coração, mas eu quero, acima de tudo, crer que essa é uma provisão divina.

Nós, nessas duas Comissões, não teríamos agenda mais importante do que esta para entregar para o Brasil e para sociedade. Juntos faremos o debate sobre uma agenda positiva, sobre um trajeto e uma luz que possam ser reconstruídos em nossa caminhada.

Nós, pelo nosso País continental, enfrentamos os desafios da colonização, enfrentamos o desafio da urbanização, enfrentamos o desafio da abertura de fronteiras, o que, ao longo de sua história, sob orientação da própria ciência, se fez necessário. À luz da ciência, nós construímos o conhecimento, o bom senso e o equilíbrio para aprender que é preciso fazer um gesto em todas as direções, para que possamos mitigar o nosso impacto sobre os nossos recursos naturais, principalmente a água e o solo. Vamos citar apenas esses dois recursos para não entrarmos em toda a nossa diversidade.

À luz da ciência e da tecnologia e através do ensinamento dos caminhos percorridos e das lições aprendidas, integram hoje esta Mesa o IAPAR, o INCAPER e a EMATER. Ciência e tecnologia nada mais representam do que, no caso dessas áreas específicas, a aplicação máxima do conhecimento produzido pela educação.

Acho que estamos convencidos de que a educação é a grande agenda de todos nós, mas, sendo menos platônico e mais aristotélico, digo que a educação tem que ter aplicação nas nossas vidas, ou seja, tem que servir para alguma coisa. Quando Aristóteles questionou o seu mestre, Platão, disse: *“Mas, mestre, o seu amor e o seu conhecimento precisam ter utilidade na vida das pessoas”*. Aristóteles começa então, a partir da filosofia, sua escola, dizendo que aquilo que é produzido pelo conhecimento tem que ter aplicação na vida das pessoas.

Hoje o próprio conhecimento nos permite dizer que nós temos também as famosas lições aprendidas com a nossa história. Num passo importante, não



significa basicamente que a verdade é só aquela que a academia produziu, essa verdade pode ser muito mais sólida quando ela também parte de homens e mulheres que, a partir do saber e da convivência com a natureza, têm o seu conhecimento, têm a sua vivência.

A partir daí, fazemos uma agenda muito positiva para todos nós. Trata-se de produzir alimento, produzir riqueza, ocupar os espaços urbanos, para que não achem que esta é uma agenda que está só na conta da agricultura.

A cidade é uma invenção humana, e o homem desrespeitou completamente as regras de convivência com o meio ambiente no processo de urbanização. Então, esse desafio da agricultura, dos sistemas alternativos de produção também tem que ser considerado no uso e na ocupação do solo nos nossos espaços urbanos, nas nossas cidades, nas nossas intervenções — temos que chamar a engenharia —, nas nossas estradas, nos nossos portos, nos nossos aeroportos, nos nossos viadutos, nas nossas pontes. A nossa construção civil precisa dialogar também com essa nova agenda, porque esse impacto é compartilhado.

A água que faltou em São Paulo recentemente nos chamou a atenção e nos provocou quanto a isso. A cidade de São Paulo foi construída e está sendo edificada sem nenhuma responsabilidade do ponto de vista dos recursos naturais que estariam disponíveis para atender a população. Cidade tem que ter limite para crescer! Cidade não pode continuar crescendo conforme as vontades daqueles que seguem simplesmente um apelo comercial. Isso tem trazido impactos. Redistribuir nossas cidades a partir dos recursos naturais disponíveis para mitigar esses impactos é uma agenda difícilíssima, muito dura, mas tem que começar a ser enfrentada. Cidade tem que ter limite para crescer.

Não adianta fazermos as nossas agendas ambientais, os nossos ajustes na agricultura se também não voltarmos o olhar para esses aspectos e termos atitude. Isso pode atingir interesses superiores aos nossos, que podem, inclusive, estar passando despercebidos. Não basta reciclar água de condomínios, não basta captar água de chuva em nossas cidades. É preciso também ter limites. Se a ocupação urbana for bem orientada e bem distribuída, vai haver espaço para todo mundo. Se optarmos pela concentração, nem canalizando toda a nossa água doce vamos dar conta de socorrer a todos.



Esse é o nosso grande desafio. E é um desafio milenar. Com a História Antiga, com o Nilo, nós aprendemos isso. Na Bíblia ou em outros livros antigos, há sempre menção ao impacto das ações do homem no meio ambiente.

Por conta desse tipo de impacto, nós estamos aqui realizando este seminário.

Eu quero passar a palavra aos palestrantes, mas antes agradeço à assessoria da Comissão de Agricultura, à da Comissão de Meio Ambiente e à assessoria do Partido Verde, o PV, na pessoa do Alex, que foi o proponente inclusive de um tema que foi tratado “globalmente”. A novela *Velho Chico*, em que foi exposto esse tema, dialogou com a sociedade, que também fez essa provocação. E o Parlamento, Deputado Augusto, tinha que dar essa resposta.

Nós estamos encerrando o ano e, apesar de tudo que o Parlamento em algum momento possa ter causado de constrangimento ao Brasil e a todos nós — não estamos felizes com as entregas que fizemos neste Parlamento, há muita indignação em nossos corações —, nós mostramos que temos capacidade de nos dedicar a esse segmento e fazer com que o Brasil possa dar um passo adiante.

Vou passar a palavra a João Batista Araújo, esse pesquisador do nosso INCAPER, uma das mentes brilhantes da ciência e da produção agroecológica orgânica e de sistemas alternativos no Brasil.

João já me ensinou muito e já me convenceu de muita coisa. Eu tenho a oportunidade de morar na mesma cidade em que ele mora, em Venda Nova do Imigrante. Também tive a oportunidade de trabalhar com o João durante 5 anos no INCAPER, instituição que presidi. João faz um trabalho com brilhantismo à luz da ciência e, acima de tudo, com o espírito, com a alma de quem acredita que é possível realmente repensar o nosso sistema produtivo.

João, por muitas vezes, já me abordou na feira, na rua, em festas, no dia a dia da nossa instituição, e me convenceu por meio do bom debate, e me ensinou muito, muita coisa do que eu repensei, do que eu reconstruí. Se estou aqui hoje nesta caminhada, devo isso também ao João Batista Araújo e extensivamente a todos os funcionários do nosso INCAPER, uma instituição brilhante que o Espírito Santo tem e que contribui para todo o Brasil.

Vou dar uma ideia do tamanho da inteligência do João. Ele é casado com a Rita, uma extensionista brilhante do nosso INCAPER. João teve uma filha e, não



satisfeito com uma filha só, teve outra filha. Depois, não satisfeito em ter duas filhas, com a Rita teve mais três filhas. João é pai de trigêmeas. (*Palmas.*) João praticou a cultura do gênero em casa. É brilhante! Hoje, a casa dele, com a esposa, a pessoa que trabalha na casa deles e as cinco filhas, literalmente é a casa das sete mulheres. Conte isso para mostrar o tamanho da inteligência e da fertilidade não só mental como também biológica dessa maravilhosa alma que o Espírito Santo lhes apresenta.

Tem a palavra João Batista Araújo, por 15 minutos.

O SR. JOÃO BATISTA ARAÚJO - Em primeiro lugar, Evair, eu gostaria de agradecer a oportunidade e apresentar meus cumprimentos. Esta é uma iniciativa importante. Quero agradecer também pela oportunidade de reencontrar os colegas André e Tinoco e de rever o Ernst — eu não o encontrava havia bastante tempo.

O Ernst, nesse estudo de agrofloresta, sempre nos trouxe um referencial importante, de gente que faz, que pratica. Demonstrou suas ideias fazendo. Isso é importante. Muitas vezes, nós fazemos as pesquisas dentro dos centros, mas ela precisa se refletir na realidade, com as pessoas atuando na prática. O Ernst, desde o início de seu trabalho na década de 80 na Bahia, praticou suas ideias e demonstrou que elas são viáveis. Eu acho que isso é de extrema importância.

Quero cumprimentar a todos os presentes e dizer que espero poder contribuir para este debate, trazendo informações que sejam importantes para todos.

Vou abordar o tema sistema agroflorestal sucessional na visão do setor público. Eu trabalho no INCAPER — Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. Então, em parte, vou apresentar uma visão considerando o que fazemos. Eu tentei até trazer uma visão mais abrangente, de todos os Estados, fora do setor público, mas isso é muito mais complicado, e outras pessoas que virão aqui vão apresentar esses pontos. Além disso, o meu tempo para a exposição não permite abordar essa questão.

(Segue-se exibição de imagens.)

Sistemas agroflorestais no Espírito Santo. Eu optei por discutirmos um pouquinho a questão da pesquisa no Estado e, a partir dela, buscarmos uma reflexão sobre o restante do tema.



O último edital de pesquisa agropecuária do Espírito Santo teve, no meu entendimento, um avanço. Hoje, está sendo assinado convênio com as instituições. No caso da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo e da Secretaria de Agricultura, há o Edital nº 6, de 2015 — na verdade, é de 2016, porque ele só se realizou neste ano. Ele não se refere só a pesquisa com culturas ou a pesquisas temáticas muito específicas, ele traz uma visão mais abrangente, com 24% dos recursos.

Aqui se vê a coluna de temas e a dos recursos. Na primeira, vemos silvicultura e sistemas integrados, incluindo agrofloresta; mais embaixo, água, solo e agricultura de baixo carbono, bem como agroecologia e cultura orgânica.

Temos o entendimento de que a agricultura é biodiversa, é sistema, e temos a pesquisa muito pontual. Então, é preciso que nós, nos editais e naqueles incentivos, possamos estimular também essa visão mais sistêmica.

Eu separei algumas redes — isso é um avanço nesse edital —, porque a pesquisa tem que ser formada por grupos de, no mínimo, três projetos de pesquisa em rede com instituições diferentes.

Eu chamo a atenção para dois projetos, o do Maurício Lima Dan e o do Marcio Fronza, que vão um pouco além dessa pesquisa pontual.

O Maurício vai às propriedades identificar espécies para sistemas silvipastoris. Ele sai um pouco da instituição, não fica só naquela referência de literatura para pesquisar o assunto, e vai buscar as informações locais.

Ele sai um pouco da instituição, não fica só naquela referência de literatura para pesquisar o assunto, e vai buscar as informações locais.

O Marcio, cujo tema é diversidade arbórea com potencial de produção de óleo essencial como alternativa, avança para buscar também o referencial das espécies locais.

A rede 1 do tema 10, que é sobre água, solo e agricultura de baixo carbono, tem duas coisas interessantes. O pesquisador do primeiro projeto, o Gustavo, avança nessa visão sistêmica também buscando o sistema silvipastoril aliado ao plantio na palha, visando à recuperação de pastagens. Começa-se a ter uma visão mais sistêmica.



O projeto do qual participo, o da rede 2, é parte de um sistema agroflorestal já implantado em 2013 por meio do qual se buscou na rede juntar um grupo de pesquisa que aprofundasse o estudo dentro dos sistemas sobre qualidade de café, potencial das espécies para uso farmacêutico e outros.

Ele tem um avanço: nós vamos promover a visita dos agricultores duas vezes por ano para fazerem a avaliação do sistema. É um problema do sistema agroflorestal o fato de se mexer muito com o manejo do dia a dia, com a poda e outros processos. Depois de 5, 6 ou 10 anos, apresentamos um resultado, mas as pessoas não têm a possibilidade de vivenciar o crescimento, o desenvolvimento do sistema. Apresentamos um resultado e acreditamos nele ou não.

Então, dentro da instituição é preciso que aqueles experimentos que estão sendo desenvolvidos ofereçam para os agricultores a oportunidade de acessar esses experimentos, discutirem sobre eles e estabelecerem um diálogo com o pesquisador e com a extensão.

Há uma ação conjunta dos extensionistas e dos agricultores para avaliação e validação dos sistemas ao longo do seu desenvolvimento. É claro que a extensão vai acompanhar o que o agricultor vier a desenvolver ao longo desse período.

Há outro convênio com recursos do Consórcio Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento do Café com 16 metas. Nós temos 2 metas com sistemas agroflorestais. A meta 1 é a avaliação de sistemas desenvolvidos pelos agricultores. Isso é de grande importância, porque, ao estabelecer esse diálogo, teremos um ponto de partida para propor ações de pesquisa dentro das instituições e de forma participativa ou não nas propriedades dos agricultores — de preferência de forma participativa.

Desse projeto eu trouxe alguns indicadores de estado da arte para definir que contribuição podemos oferecer como ponto de partida para uma ação maior nessa área de sistemas agroflorestais sucessionais.

Eu acho que o ponto de partida é o que os nossos agricultores têm. Além de haver uma construção técnica na extensão e nas pesquisas, esse ponto de partida do agricultor é de grande importância. É disso que tratarei a seguir.



O colega Eduardo Sales, que é coordenador desse projeto e trabalha no norte do Espírito Santo, fez a sistematização da área de um agricultor de consórcio com cajá e café conilon.

Abrindo um parêntese, houve uma movimentação intensa nas décadas de 80 e 90, no Espírito Santo, em torno dos sistemas agroflorestais, e esse agricultor era estudante de uma das escolas rurais, o CIER. Ele teve capacitação nisso, chegou a conhecer a propriedade do Ernst, formou-se e veio a trabalhar nessa área. Na sua propriedade montou esse sistema.

Isso é fruto de uma movimentação intensa que surgiu na década de 80. Ele está muito satisfeito, porque tem boa produtividade com o café e, além disso, vende o cajá-manga a uma fábrica de polpa de sucos. Assim, ele tem uma renda dupla, o que aumenta a sua estabilidade, e tem um equivalente de renda na área maior do que teria se fosse em cultivo solteiro. Em seu depoimento, declarou que a sua renda é maior tendo o consórcio do que tendo o cultivo solteiro.

No levantamento que estamos fazendo na região de Venda Nova, Domingos Martins e Conceição do Castelo, de onde veio o Evair, nós entrevistamos os agricultores que têm sistemas de café em consórcio. Como essas entrevistas são longas e contêm muita informação, eu grifei as mais conclusivas, porque eu acho que podem servir de estímulo para nós.

O agricultor 1 disse que não vê problemas no consórcio, apesar de reduzir a produtividade do café — ele tem um consórcio de café arábica com abacate. Esse mesmo agricultor, que também tem um consórcio de conilon com jerivá, disse que até o quinto ano o jerivá não compete. Ele teve um problema: não conseguiu comercializar o palmito dessa palmeira. Nós apontamos que há caminhos e que é preciso trabalhar a comercialização, o processamento, a agroindústria, uma série de coisas.

O agricultor 2 disse que sempre plantou abacate consorciado com o café e que o abacate rendeu mais do que o café em 2015, porque dá pouca mão de obra. Apesar de a produção ter caído de 10% a 15%, ele tem o consórcio para a produção do café, porque tem um ganho por área no total.

O terceiro agricultor, na limpa, tem menos mato, gasta menos adubo, ganha com as duas culturas — café com peneira maior. Na produção do café ele também



afirma que caiu de 10% a 15%, ou seja, esses agricultores que têm o consórcio trazem informações positivas sobre o consórcio e os mantêm, alguns deles há mais de 30 anos. Em geral, todos eles estão há mais de 10 anos fazendo esses consórcios.

O agricultor 6 ganhou três prêmios de qualidade no consórcio de café com abacate — primeiro, segundo e terceiro lugares em qualidade. O café consorciado é o que sempre ganha no concurso de qualidade. Ou seja, há uma ideia muito clara de que, havendo o consórcio, a tendência é a qualidade de o café melhorar.

Esse mesmo agricultor plantou pati, chamado lá de palmito-amargoso, que ele vende nas feiras. E boa parte disso é consorciada com o café. Há de 20 a 30 mil pés, e ele tem comércio para essa palmeira. Então, esse é mais um dos depoimentos positivos em relação aos consórcios.

Ele, que ainda planta a pupunha, afirma que o consórcio do café com a pupunha mantém a quantidade da produção, e ele tem o ganho das duas culturas.

O agricultor 18 é outro que planta a pupunha. Ele faz venda direta ou em conserva, porque, no plantio consorciado, ele precisa de menos mão de obra e tem mais rentabilidade do que no plantio solteiro. Ele faz a limpeza das duas culturas e, para uma delas, esse trabalho na lavoura sai de graça. Quer dizer, esse é o pensamento que o agricultor tem.

O agricultor 20 é muito interessante. Ele falou que, quando ninguém queria o abacate, pois o preço estava baixo, matou os pés. O fruto voltou a valer dinheiro, e ele se arrependeu. Agora, ele não corta mais os abacateiros, porque, como o abacate dá pouca mão de obra, e o café, muita, quando ele associa as duas culturas, a mão de obra é menor — e a dificuldade de mão de obra é uma reclamação de quase todos esses agricultores —, a eficiência na adubação é maior e a rentabilidade por área é maior.

O agricultor 23 fala que, no caso dele, a produção do café caiu 50%, mas diz ainda que houve menor gasto em mão de obra e que, de 3 anos para cá, o rendimento foi dez mil vezes maior. Ou seja, o abacate, ao subir de preço, deu ao produtor uma rentabilidade maior, e ele ganhou muito dinheiro — ele usou o termo “10 mil vezes maior”. E ele vai manter o consórcio mesmo com o preço baixo do abacate.



Acho até que um tio seu é pioneiro nesse tipo de cultivo lá em Santa Luzia, não é? Lá na década de 70, parece que em...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JOÃO BATISTA ARAÚJO - É, em 1977 foi feita a primeira lavoura.

Então, esses agricultores já desenvolveram essa experiência. Eles já passaram por ciclos de subida e descida de preço, e os que entenderam o consórcio hoje o mantêm.

De 3 anos para cá, a renda daquele agricultor foi 10 mil vezes melhor, e ele vai manter o consórcio mesmo com o preço baixo. Ele ainda fez uma proposta: hoje, plantaria a 14 por 9 metros, porque as pessoas plantaram o abacate a 8 por 8 metros ou a 10 por 10 metros e viram que a produção do café caiu muito. Então, aqueles 50% de queda na produção podem ser por se ter plantado a lavoura como se fosse única.

Bom, isto aqui são fotos.

Este é um agricultor que tem abacate em diversos estágios, porque algumas plantas morrem ou são erradicadas.

Bananeira não é árvore, mas isso é um consórcio de café arábica com banana, muito comum no Espírito Santo. Ele tem um sistema de manejo próprio na região de melhor precipitação.

Esse consórcio é de banana-nanica, nos carregadores, com café. A foto da esquerda mostra o café arábica, e a da direita, o café conilon. E o agricultor falou o seguinte: *“O abacate está nos carregadores, não me dá mão de obra, economiza adubo e eu o vendo a cada 2 meses”*. Perguntei a ele se era muito pouco. Ele falou que era pouco, mas eles gastavam meio dia para colher o abacate e botá-lo na estrada e ganhavam o equivalente a de 2 a 6 dias de serviço por cada meio dia. Então, ele tem o equivalente a 4 a 12 dias de serviço. E ele disse que o meeiro, nesse dia, para de trabalhar no meio do dia, porque fica satisfeito com a colheita.

Então, o abacate pode não ter uma rentabilidade muito alta, mas representa um acréscimo altamente significativo ao sistema. O agricultor falou ainda que o fruto não compete com o café e, além disso, aquela mão de obra que ele gastaria para manejar a produção é aproveitada para as duas culturas. Então, o consórcio é bem econômico.



Aqui é mostrado um detalhe do consórcio da pupunha com o café arábica.

Este é um agricultor bastante conhecido do Evair. Ele produz mogno e café conilon, além de criar carneiro, e também está muito satisfeito com o sistema. Até perguntei para ele o que faz um cidadão com 56 anos começar a montar um sistema agroflorestal. Ele ganha dinheiro com esse sistema, mas, além disso, tem também uma visão futura.

Esse é outro agricultor, mas com uma área maior. Ele produz cedro australiano com café. Ao fazer a entrevista, fizemos a avaliação de que ele não fez a desrama, e isso faz cair a qualidade da madeira, mas ele está satisfeito. São áreas plantadas de 12 a 15 anos atrás.

Esta foto é de outro agricultor, cujas terras ficam a 100 quilômetros de distância, numa área de menor precipitação. A lavoura, que tem de 10 a 12 anos, não desenvolveu tão bem e deu muito problema de erva-de-passarinho. Então, isso indica para nós que temos que trabalhar esses sistemas com esses agricultores.

Isso que eu mostrei foi apenas a tentativa de trazer um *flash*, alguma ideia do que está acontecendo no Espírito Santo.

Como considerações finais e dentro de uma visão mais da pesquisa, nós acreditamos que há necessidade de incentivos para ampliarmos a produção em sistema agroflorestal seccional, dentro de uma visão multidisciplinar e biodiversa. Esse é um caminho para nós avançarmos além desses consórcios de apenas duas culturas na mesma área. Nós podemos ampliar a complexidade desse sistema e avançar no sentido de projetos mais interativos e participativos, tanto para promover o maior acesso de agricultores a projetos em andamento quanto para incentivar projetos participativos com extensionistas e agricultores. Ou seja, nós vamos avançar nos sistema agroflorestais se nós tivermos uma interatividade maior.

Essa é a minha visão, porque, ao longo de mais de 3 décadas de trabalho com isso, tudo aquilo que gerou aproximação teve um ganho maior, e nós sabemos que o agricultor transmite a informação que dá certo, ele comunica, e isso é o que funciona melhor. Eu acho que essa interação, essa conversa, esse diálogo vai gerar avanços.

Estamos à disposição.

Desculpe-me por ter passado do tempo, Deputado Evair.



Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Não há palavras para agradecer a João pela contribuição. A apresentação dele me remontou à infância.

Quando menino, não havia nem energia elétrica onde eu morava, e os vendedores de máquinas andavam pelo interior do Brasil e pelo Espírito Santo. No final da década de 70, um vendedor de algum tipo de máquina chegou à propriedade onde moravam meu pai e meu tio com a revista *Manchete Rural*, que hoje não existe mais. O meu tio e o meu pai foram capa dessa revista — nós não tínhamos nem noção do que era aquilo —, porque eram dois agricultores que haviam iniciado o plantio de abacate no meio do café. Ninguém fazia isso. Na verdade, nós queríamos sair do café. Plantaríamos o café e o abacate, e quando o abacate começasse a produzir, eliminaríamos o café. Aprendemos que era possível a convivência de duas coisas diferentes, e a renda foi se construindo. Foi uma grande escola.

Eu lembro que, na época, eles foram capa da revista, João, e tudo era feito empiricamente. Depois, os pensadores começaram a chegar. Eu me lembro de Albertassi, de Anúncio, de César, de toda a turma da época. Os técnicos do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural — INCAPER começaram a ir para lá aprender. Na verdade, não tinham conhecimento adquirido e começaram a aprender junto conosco.

O SR. JOÃO BATISTA ARAÚJO - Mas quem foi buscar as mudas em São Paulo foi José Onofre.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Sim, José Onofre, extensionista da EMATER de Venda Nova do Imigrante e que chegou a ser nosso Prefeito. Ele foi buscar as mudas para fazermos esse plantio.

Você se lembra de Paulo César, extensionista do INCAPER? Depois, ele saiu. Paulo César, lá de Rio Branco, extensionista da EMATER, era quem fazia o acompanhamento. Foi um trabalho brilhante. E João me remontou a esse momento importante. Isso foi bacana, porque meu pai e meu tio eram produtores meio empíricos, estavam tentando achar um caminho, e aí chegou a ciência, chegou a pesquisa, e elas construíram essa integração.



Quem conhece a propriedade, por exemplo, entre tantas outras, de Benjamim Falqueto hoje, quem conhece a região lá vai perceber que vale a pena, que é possível esse avanço.

Então, João, leve nosso agradecimento ao INCAPER, aos nossos extensionistas. Você foi brilhante em sua apresentação.

Agora, do Espírito Santo, vamos ao Paraná. Passo a palavra a André Luiz Medeiros Ramos, pesquisador e líder do Programa Cultivos Florestais do Instituto Agrônomo do Paraná — IAPAR. Ele é de Londrina, que agora vai receber um Prefeito Parlamentar, companheiro desta Casa. Esperamos que André possa retratar sua experiência a partir do Paraná.

O SR. ANDRÉ LUIZ MEDEIROS RAMOS - Bom dia a todos.

Quero expressar o agradecimento do Instituto Agrônomo do Paraná — IAPAR à Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável e à Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural pelo convite para trazer o tema a esta Casa, onde fui muito bem acolhido, e conversarmos. Este é um tema muito importante e de muito futuro para a agricultura, especialmente no trópico e no subtropico.

(Segue-se exibição de imagens.)

Primeiro, vou falar sobre *Sistemas Agroflorestais: (re)integrando as árvores à agricultura* — reintegrando porque, como o próprio Sr. Ernst Götsch falou, o Brasil é um País florestal. O Paraná era um Estado florestal, e o agricultor convivia com a floresta de várias formas, como os senhores vão ver depois.

Então, vou falar sobre reintegração de uma forma racional.

(Exibição de imagens.)

O Instituto Agrônomo do Paraná — IAPAR é um órgão de pesquisa agropecuária estadual do Paraná. Esta é nossa sede em Londrina, a nossa região de pesquisa. À esquerda é a sede; do outro lado é a fazenda experimental de café.

Aqui vemos a distribuição de estações e de laboratórios pelo Estado, para termos uma ideia da abrangência geográfica dos trabalhos.

O IAPAR trabalha com pesquisa. A pesquisa se organiza em programas de pesquisa. Cada programa de pesquisa compõe-se de vários projetos de pesquisa. Para se aprovar um projeto de pesquisa há as diretrizes de pesquisa. O IAPAR tem



60 diretrizes para contribuir com o desenvolvimento de tecnologias que, em primeiro lugar, poupem produtos, que reduzam e racionalizem o uso de insumos. Temos esses sete itens aí, e os que estão grifados em amarelo casam perfeitamente com os sistemas agroflorestais. Então, na própria carteira geral do IAPAR, uma das primeiras diretrizes é ligada à agrofloresta.

Além disso, visamos desenvolver tecnologias que promovam a produção de alimentos saudáveis, seguros e nutritivos — isso também tem ligação com a agrofloresta, mas não necessariamente —, e que promovam a segurança alimentar, a economia de terra, de água e de recursos. Então, podemos recuperar áreas degradadas, aumentar a produtividade, melhorar a ciclagem. Isso tudo são ferramentas para melhorar o uso da terra e o uso da água.

No que diz respeito aos itens em amarelo, o agroflorestal entrega isso muito bem.

Ademais, queremos desenvolver tecnologias que poupem trabalho, que promovam conforto e produtividade do trabalho; tecnologias que melhorem a qualidade de vida e a renda no meio rural. Isso é importantíssimo. O agroflorestal também pode fazer isso, como os senhores vão ver depois, na sequência.

Por fim, temos como diretriz também promover a produção de alimentos de origem animal conforme os princípios de bem-estar animal.

Dentro desta estrutura de projetos, o programa do qual eu sou líder, especificamente, é o Programa de Pesquisa em Cultivos Florestais. Nossa carteira atual de projetos abrange o seguinte:

- Avaliação de materiais genéticos de seringueira, de espécie amazônica, que está lá na Região Sul, no Espírito Santo — o João deve conhecer no INCAPER. Isso é interessante para os sistemas agroflorestais. Trabalhamos com clones de seringueira para o Paraná.

- Estudo dos sistemas agroflorestais de seringueira e café para o Paraná.

- Introdução e avaliação de espécies arbóreas potenciais para florestas plantadas e sistemas agroflorestais no norte e oeste do Paraná.

- Uso e conservação da Araucária, o pinheiro do Paraná, na agricultura familiar.



- Caracterização de sistemas agroecológicos e tradicionais de produção de erva-mate. Este foi proposto ao nosso programa. Como ele está em fase de diagnóstico, ele está sendo tocado no Programa de Sistemas de Produção atualmente.

Então, a nossa carteira está muito ligada direta ou indiretamente aos sistemas agroflorestais — diretamente aos sistemas e indiretamente aos componentes, às árvores. Não pode haver agrofloresta sem árvore; então, estamos atuando nas árvores também.

Vou passar as fotografias dos projetos rapidamente.

Está é a Estação do IAPAR em Xambrê, no noroeste do Paraná. Esta terra é composta de 90% a 95% de areia. À esquerda, vemos a *acacia mangium*, uma espécie leguminosa australiana. À direita, estão mais espécies testadas: *acacia mangium*, *acacia cincinnata*, *acacia aulacocarpa*. Introduzimos espécies leguminosas que parecem até eucalipto, mas não são. Ocorrem na Austrália junto com o eucalipto, nas florestas naturais. E são muito importantes, porque criam condições para a sucessão ecológica. Elas turbinam, digamos assim, a sucessão ecológica. Esses trabalhos estão sendo testados em terra de areia, no oeste do Paraná.

Este é o talhão de uma procedência superior de *acacia mangium* — os melhores materiais. Formamos um talhão de produção de sementes na Estação de Xambrê, no noroeste do Paraná. Essa foto mostra a frutificação. Na verdade, isso não é uma folha, é um pecíolo alargado. Não é o limbo, ela perde o limbo. Isso aqui é só o pecíolo. Aqui é a área de coleta de sementes, retiradas desse material melhor que identificamos.

Nesta foto, é possível ver a cobertura de solo que ela proporciona, mais o aporte do nitrogênio nessa condição. Tudo isso é uma potencial alternativa para o produtor, para que tenha opções para compor sistemas sucessionais ou de qualquer tipo.

Encerramos o experimento, mas ele não acaba. No meio da foto, está a área da fazenda. À esquerda, a área de experimentação agrícola. Ali é a área que agora está compondo a reserva legal. Algumas já foram raleadas, e já está ocorrendo a sucessão naquela área. O experimento foi encerrado e foi incorporado à fazenda



como reserva legal. Ficou a herança do experimento: gerou-se essa informação. Também já há espécies nativas se regenerando junto com a *acacia mangium* e outras.

Esta foto, em Londrina, na nossa sede, mostra a seringueira e o café. O cafeeiro parece uma planta florestal. Na Etiópia, era de sub-bosque, então ela se dava muito bem. É perfeitamente adaptada para a floresta.

Nesta foto, é seringueira nascendo no inverno. A seringueira está refolhando. Ela é caducifólia. Está reproduzindo folhas. Esta outra foto mostra o sistema de espaçamento do café e da seringueira. E esta outra, no verão, mostra o café e seringueira já refolhados. São espaçamentos que não prejudicam tanto o café e que favorecem a produção da borracha. Então, são duas culturas de renda na mesma área, diversificando a produção.

No Paraná, nós temos, além do produto, o serviço da cultura. No Espírito Santo e em outras regiões mais quentes, talvez isso não seja preciso. Do que se trata? Proteção do café contra a geada. É um serviço de proteção climática. No Sul, essa é uma questão muito mais arriscada.

Nesta foto, veem-se clones de seringueira. Avaliamos matéria genética de seringueira no arenito lá em Londrina. O solo tem 85, 90% de areia. As parcelas são lineares. Avaliamos materiais para a produtividade do Paraná, para termos componentes para indicar ao produtor, que formará sistemas.

Há também a interface agroflorestal, a integração entre lavoura, pecuária e floresta em Xambrê. Há um programa que atua nessa interface. Esta foto mostra a interação da silvicultura com a produção de eucalipto. A rotação: soja, pastagem, gado e silvicultura. Também é uma diversificação na mesma área do solo arenoso, com bastante proteção à questão do clima e contra erosões.

Vou, rapidamente, tratar dos sistemas agroflorestais, do universo agroflorestal. A prática agroflorestal é antiga. Existem vestígios arqueológicos de que se praticava silvicultura muito antigamente.

Na década de 70, as agências de desenvolvimento de pesquisa acordaram que essa era uma opção interessantíssima para o uso do solo nos trópicos, especialmente no Terceiro Mundo, como se chamava na época. O Banco Mundial acordou, e houve realmente uma corrida de pesquisa. Foi criado o Centro



Internacional de Pesquisa Agroflorestal — ICRAF, do sistema CGA. Tem sede na África, mas escritórios no Brasil e em todo o mundo, em todos os trópicos.

Por que definir o sistema agroflorestal? É bom definir para saber o que se quer e saber estudar e trabalhar. Então é bom definir o objeto de estudo. Naquela corrida, essa definição ficou bem simples. Sistemas agroflorestais são sistemas e tecnologias de uso do solo em que deliberadamente se traz árvores e arbustos para combinar com a agricultura, com a pecuária, a produção animal, na mesma unidade de terreno, ou de manejo de solo, de maneira que há interações também. O manejo é numa rede espacial, numa sequência temporal. Então haverá necessariamente interações entre os componentes de ordem econômica e ecológica. Esta é a definição aceita hoje internacionalmente. É um grande universo de sistemas.

Como classificar os sistemas? Classificá-los de novo é importante para podermos estudar melhor, entender melhor. Há vários critérios. Pode-se classificar, por exemplo, por produtos produzidos ou se é para produção de produtos, para diversificação ou para serviços.

O tema do evento, sistemas sucessoriais, tem uma dimensão muito forte. Qual é? O tempo. Com a dimensão do tempo, pode-se simplesmente dividir os sistemas, os sistemas agroflorestais — SAFs, em permanentes ou sequenciais. Então essa dimensão de tempo divide os sistemas assim.

Podemos citar três exemplos conhecidos e bem estudados de sistemas agroflorestais que usam o princípio da sucessão ecológica que a agricultura sintrópica faz. A agricultura migratória é aquela realmente arqueológica, pré-histórica em que o homem ocupava, derrubava, cultivava por 5 anos e andava. E quanto à sustentabilidade? É sustentável? Sim. Se fosse possível voltar daqui a 20 anos, como era possível voltar, reconhecia-se que era um sistema sustentável, o *shifting cultivation*. Hoje, com a pressão pela terra e por várias questões econômicas, não é possível voltar. Então, ficou arriscada a sustentabilidade, mas é um sistema que usa a sucessão ecológica também. O homem intuitivamente usava e entendia a sucessão ecológica. Ele vivia na natureza e entendia isso.

Outro exemplo é o de pousios melhorados, que são usados na Europa e também no sul do Brasil. Pode-se melhorar o pousio acrescentando espécies que tenham aporte de nitrogênio e de nutrientes daqueles sistemas. Hortos ou quintais



agroflorestais, agroflorestas, são uma prática de pequena escala, muito diversificada, antiga e muito bem estudada também. Inclusive, a agricultura sintrópica é uma combinação de tudo isso. É interessante porque ela inova por isso também.

Quais são os benefícios principais que podemos apontar pensando no solo principalmente?

- Controle de erosão hídrica e eólica, água e vento. Quando se reduz o problema de vento aumenta-se a matéria orgânica.

- Melhoria microclimática, que, para o nosso caso, no Paraná, também é muito importante por causa do frio e da geada.

- Aporte de matéria orgânica ao solo.

- Aporte de nitrogênio. São usadas espécies “turbinadoras”, como eu chamo a *acacia mangium* e as leguminosas. A ureia e o adubo são caros, mas ela pega isso da atmosfera e aportam no sistema de forma natural.

- Melhoria de propriedades químicas e físicas do solo, com ciclagem de nutrientes. Disso decorre o manejo sustentável, a produção sustentável. Se for isso for bem manejado, vai decorrer naturalmente disso aí.

- Diversificação de espécies, de fontes de receita e de cultivos.

Os senhores viram o caso do abacate e o do café, que o João acabou de comentar, em que se diversificou. E é importante diversificar, porque às vezes o preço de uma cultura não é bom, mas o da outra aguenta. Essa questão é muito importante também, principalmente para o pequeno e médio produtor.

Como enxergamos os desafios? Para nós, os desafios são oportunidades de pesquisa, são temas de pesquisa. Não vemos como desafios, vemos como oportunidades de pesquisa de sistemas que usem a sucessão ecológica, que usem essa questão sucessional. São eles:

- Complexidade biológica. São sistemas muito complexos. Existem interações muito complexas, especialmente nos trópicos. Nas regiões temperadas, sabe-se que árvores conseguem trocar nutrientes, conseguem trocar carbono. Imaginem o que acontece nos trópicos. Isso já foi feito com radioisótopos. Descobriu-se que árvores trocam nutrientes em florestas. Imaginem o que acontece nos trópicos com sistemas



complexos. Então, é um mundo para se explorar, é um mundo riquíssimo de interações que podemos entender melhor e tentar até melhorar os sistemas.

- Manejo dos sistemas. Eu já falei aqui em manejo, como implantar sistemas, como manejar melhor, como intervir melhor, as intervenções em cada fase sucessional. Isso tudo é tema de estudo para cada vez refinar esses sistemas, melhorar esses sistemas para oferecer aos produtores.

- Análise econômica dos sistemas. Esse é um argumento muito forte. Temos que ter esse dado econômico. O acompanhamento econômico e o estudo econômico desses sistemas têm que ser muito bem-feitos, e é um argumento muito forte para vários níveis de produtores.

- Adaptação e ajuste desses sistemas aos nossos biomas. O Brasil tem o semiárido, tem o clima equatorial, tem o clima tropical e o subtropical.

- Adaptação e ajuste dos sistemas a diferentes escalas e condições socioeconômicas. Isso também é importante.

- Tendência de redução da população rural, com concentração urbana. Essa é uma questão muito séria. Como pesquisar máquinas, mecanização e racionalizar operações. Isso tudo são temas que saltam à vista e que podem compor projetos nessa área de cooperação entre várias agências.

Já pensamos em algumas possibilidades estratégicas para a aplicação, hoje, no Brasil. Primeiro, desenvolver tecnologias alternativas para ecossistemas na Amazônia. A Amazônia Legal é mais da metade do Brasil, são 61% do Brasil. O Brasil tem 54% de florestas ainda. O pessoal da área florestal deve ter um dado melhor. Quer dizer que há material, há propágulo, há espécies e se pode, então, trabalhar em paralelo com essas espécies em áreas próximas e trabalhar com esses sistemas.

Essa é uma alternativa? Não. É para substituir? Não. Isso é para somar com o manejo florestal, é para somar com outras experiências agroflorestais e para potencializar também o uso sustentável da Amazônia. Então, é uma oportunidade excelente.

Outra contribuição também é para desenvolver sistemas para recuperarmos áreas degradadas, como área de mineração. O Ministro Sarney Filho acabou de falar aqui sobre a questão de regularização, que a reserva legal é uma excelente



oportunidade para regularizar no Brasil. O Brasil seria, então, se for bem sucedido esse processo, um país agroflorestal, na verdade. Vão ser propriedades agrícolas com modelos de recomposição. Assim, vai ser um país principalmente agroflorestal. Pela legislação, com 20%, conforme a percentagem de área, é um país agroflorestal, mas será feito de maneira racional.

Como fazer isso? Vai depender de se recuperarem as experiências do INCAPER, do IAPAR e do IAC. Muito chão já foi andado. É importante recuperar e também fazer parcerias com todo o sistema. Então, é questão de parceria e de investimento nessa área de pesquisa. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Como não poderia ser diferente, é muito importante a contribuição IAPAR, não só para os paranaenses. Volto a dizer que o IAPAR presta um grande trabalho ao Brasil. O IAPAR é uma instituição do Governo do Paraná, mas com certeza, por suas entregas, tem a sua relevância para todo o Brasil. E o Paraná tem na cultura do seu povo uma atitude que nos orgulha muito.

Convido a fazer uso da palavra o último apresentador deste painel, vindo das nossas Sete Lagoas, o nosso Tinoco, da nossa EMATER. Obrigado, Tinoco, pela sua presença. Um abraço à extensão rural de Minas Gerais, um abraço aos mineiros e mais uma vez parabéns pela sua crença, pela sua dedicação e pelo seu empenho em construir essa agenda positiva para os mineiros. Com certeza, aquilo que é bom para Minas Gerais é ótimo para o Brasil, não é, João? Muito obrigado.

Então, com a palavra o nosso Fernando Cassimiro Tinoco França, o nosso Tinoco "orgânico", como apresentou o Deputado Zé Silva.

O SR. FERNANDO CASSIMIRO TINOCO FRANÇA - Bom dia a todos e a todas. Para mim é um prazer estar na Casa. Esta é a primeira vez que eu entro aqui, neste ambiente. Eu vim conversando com o João sobre o quanto é gratificante representar as nossas instituições aqui. Eu vou tentar passar um pouco o trabalho da EMATER.

Na pessoa do Deputado Evair Vieira de Melo, eu quero cumprimentar todos os membros da Comissão. Agradeço o Deputado pelo convite. Eu vou tentar contribuir com a agroecologia, aqui na plenária.



Eu vou começar de forma um pouco diferente. Eu não sei se o Ernst está aí, o que é uma pena. Eu sou seguidor do Ernst há muitos anos e sou um cara muito polêmico. Nós discutimos muito na empresa e temos casos de sucesso e muitos casos de insucesso no SAF. Então, nós temos que ser transparentes. O estresse hídrico nos últimos anos — a falta d'água — detonou com muitas de nossas unidades demonstrativas, e a proposta meio provocativa está aqui. Pena que o Ernst não está aqui para debatermos.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. FERNANDO CASSIMIRO TINOCO FRANÇA - Ele está aí? Ele está dando entrevista?

Eu vou mostrar somente no final duas unidades demonstrativas bem novinhas e embrionárias de alunos do Prof. Ernst. Nós somos eternamente alunos dele, mas tentamos incrementar um pouquinho mais. *(Pausa.)*

Professor, é um prazer e uma honra. Eu não o conhecia pessoalmente.

Nós estamos falando de desenvolvimento sustentável, de SAFs, de agroecologia e sempre procuramos provocar os colegas da empresa e os extensionistas sobre quais são os verdadeiros estilos de agricultura e pecuária realmente sustentáveis. Nós temos contas para pagar. O agricultor tem conta para pagar. O Ernst está corretíssimo: nós temos que plantar muita árvore. Mas, e aí? Será que não dá para ganhar grana, ganhar dinheiro dentro do sistema SAF também?

No final, eu vou mostrar uma proposta que não é muito inovadora, mas vai um pouquinho de encontro a alguns pensamentos. Nós trabalhamos na empresa com essa filosofia de estar sempre em transição, buscando utilizar fertilizantes sintéticos o mínimo possível e substituindo-os por fertilizantes orgânicos. Agrotóxicos, nem se fala. Nunca utilizá-los nos sistemas ecológicos.

Mas eu pedi licença ao Gliessman e coloco que temos de planejar e replanejar as propriedades, as unidades produtivas, pois sem planejamento não vamos a lugar nenhum.

Eu poderia estar aqui mostrando a vocês centenas de fotos — assim como o João, o Prof. André e os colegas da EMATER — de propriedades como esta. Mas vamos bater na tecla da questão de fertilização do solo e da questão da irrigação. Aí



está o grande gargalo. Com essa falta de água, irrigar é complicado. É o que estamos sofrendo.

Nossa última unidade de SAF. As duas últimas morreram. Inclusive uma delas era em parceria com a EMBRAPA. Temos um grupo de agroecologia dentro da EMBRAPA em Sete Lagoas, e hoje temos uma unidade demonstrativa de SAF. É uma unidade de observação em pleno desenvolvimento.

Vou passar as imagens muito rapidamente. Nós estamos trabalhando com as poucas unidades demonstrativas orgânicas e produtivas, consorciadas, mas dentro de uma filosofia que segue a proposta do Ernst. Não é fácil implantar um SAF dentro da proposta, da essência do Ernst, principalmente com esse estresse hídrico que está aí. É muito difícil. Implantamos várias, e várias morreram.

Estamos começando agora a compostagem. É muito composto, é muito *bokashi*, é muita vida no solo. Isso foi inclusive tema do meu mestrado. Os agricultores estão implantando o SAF, seja ele na essência da proposta ou numa fase de transição. É algo meio consorciado, como o João mostrou aqui em alguns trabalhos. Os melhores trabalhos estão na lavoura de café, no sul e no leste de Minas Gerais. As imagens seguintes são em Jequitibá e Arcos.

E será que não dá para trabalhar com biofertilizantes em SAFs? Eles têm um custo baixíssimo. Será que não podemos adubar árvores e espécies frutíferas com biofertilizantes? Esta é uma provocação que faço ao grupo.

São poucos os produtores que vemos fazendo isso. E se são produtores, que nas áreas degradadas a gente introduza uma cultura e depois entra com o SAF. Assim, nós estamos recuperando o solo, fertilizando o solo, para depois implantar um projeto do SAF ou um projeto próximo ao SAF. Eu acho que a grande maioria dos projetos é próxima da proposta do SAF.

E as caudas? Será que isso funciona? Quanto custa? Será que é preciso usar isso dentro do SAF? Olha que coisa mais provocativa que estamos falando! Será que isso vale a pena? A resposta está com agricultor, é ele quem tem que nos dizer isso. O agricultor é quem tem de falar; é ele quem tem de tomar a decisão de utilizar ou não essas caudas, húmus de minhoca.



Esta imagem é um retrato das áreas que nós recebemos. Recuperar áreas degradadas, APPs. São produtores que plantam e vivem em APPs. E aí uma grande proposta é introduzir um SAF com tecnologia. Essa é a nossa proposta.

Adubação verde. A seguir, os colegas da EMATER da Unidade Regional de Divinópolis, em fotografia bem recente.

E aí o produtor de tomate. Ele tem de ganhar dinheiro com tomate — tomate orgânico, não é gente? (*Risos.*)

É isso aí, Sr. Presidente. Nós tivemos o prazer de trabalhar junto com o Presidente durante dois mandatos. E todo um processo de iniciação dentro de um sistema agroecológico e do SAF se iniciou durante o mandato. Hoje nós ganhamos uma força muito grande com a nova diretoria, que fortaleceu ainda mais a agroecologia dentro de nossa instituição.

Estou falando isso porque na grande maioria das instituições EMATER a agroecologia enfraqueceu e, na EMATER de Minas Gerais, está muito bom! Está muito “*bão*”, como diz o povo da roça.

Esta APP é em Pedro Leopoldo. São produzidas cerca de 150 toneladas de tomate orgânico por hectare. E daí? Por que então se está falando de SAF aqui? O técnico local é o Jader. Vejam que há muito tomate.

A foto seguinte é só para ilustrar uma proposta da região. Eu pensei que o Joe, da Fazenda Malunga, estaria aqui. Há muita compostagem, muito *bokashi*, muita adubação verde.

Há trabalhos maravilhosos de alguns extensionistas, e vou me atrever a falar só de dois ou três. Esse produtor aí está batendo recorde na transição do sistema de produção com uso de veneno para o sistema agroecológico, orgânico, etc., inclusive certificando as propriedades orgânicas. Isso é em Claraval, na divisa com o Estado de São Paulo, onde se trabalha muito com SAF e agricultura orgânica.

Esta é a nossa proposta: tecnologia, pé no chão e conta para pagar. O produtor tem sempre conta para pagar.

Diversificação, sempre. Não vou dar uma aula de SAFs, pois já tivemos aqui vários professores dando aula de SAF. Eu perdi a apresentação do Ernst, que com certeza deu uma boa explanação.



Estamos começando a trabalhar com *tsuti-koji*, uma tecnologia japonesa em solos degradados. Estamos entrando com vida no solo através do *tsuti-koji*. Não vou entrar em detalhes, mas há muito melação, caudas e biofertilizantes. Nós introduzimos as nossas culturas depois de fertilizar o solo. Criamos um solo rico e entramos com o SAF.

Este aí é um aluno seu, Ernst, o Lucas, de Florestal, em Minas Gerais. Ele é engenheiro agrônomo, agricultor familiar, feirante e entrega cestas de orgânicos de porta em porta — em breve, com selo de produtor orgânico. Esta é uma foto bem recente. Demos um curso para ele de caudas e ele está usando caudas e compostos dentro do SAF. Há conta para pagar, gente, e ele está satisfeito!

Há escoamento de produção, e a floresta vem nascendo junto, Ernst. Muita fruta, floresta. Há poda e manejo de árvores. Ele planta eucalipto aí no meio. É um coquetel, gente. Vocês já devem ter visto isso aí. É um coquetel de manejo. Em si, é muito gostoso.

Seis anos, cinco anos atrás, eu não acreditava muito no SAF, por causa das decepções por não adubar e não irrigar. E agora entramos nessa linha e nós estamos realmente um pouquinho mais satisfeitos. Mas tem de haver água, e este é um grande problema hoje. Onde está havendo água hoje para irrigar?

Cada caso é um caso, essa é a verdade. Há produtores que querem adubar, querem irrigar, querem viver desse sistema até virar floresta. Visitem o Lucas, Professor de SAF. Inclusive, agora, nós vamos oferecer um treinamento para técnicos da EMATER na propriedade dele.

Ele foi contratado para ministrar um curso a nós, da EMATER. Cobra muito pouco por essas aulas. Durante o curso, nós entramos com as caudas e vamos irrigando e adubando. Num determinado dia, ele estava chegando de uma consultoria em uma fazenda, e eu cheguei antes dele. Vocês acreditam que, nesse sistema, a horta ficou 4 dias sem irrigação? Isso é maravilhoso, gente!

Tudo isso é possível devido à utilização de uma grande quantidade de palha que conserva a umidade do solo. Por debaixo da palha, há comida para a planta: compostagem e biofertilizante.



Aqui, temos a visita do técnico local, Fábio, com um produtor orgânico de Capim Branco, Marconi, que foi escolhido como Produtor-Destaque da nossa Regional de Sete Lagoas. E este aqui é o Lucas, barbudinho gente fina.

É assim que nós pegamos uma propriedade. Esta aqui é outra propriedade vizinha à do Lucas. Nós pegamos uma área degradada, adubamos, fertilizamos e, depois, nós fazemos os canteiros e entramos com o SAF.

Aqui, nós temos bem a essência — são alunos do Ernst, esta família toda fez curso com o Ernst. Há um pouco de tudo plantado aí — frutíferos e arbóreos — são frutas pequenas, mas são hortaliças com as quais se ganha dinheiro 60 dias depois. Nós temos que pagar contas, o produtor precisa ganhar dinheiro. E eles dispõem de água, graças a Deus; trata-se de APP, área degradada.

Esta aqui é a avaliação que aconteceu no mês passado. O técnico local, Jader, avaliou junto com o produtor, vizinho da proprietária, que já está querendo implantar um SAF.

Isso é muito interessante, porque, às vezes, ele não é agricultor familiar, mas gera emprego e possui seus meeiros. Então, é obrigação, sim, da EMATER, atender essas propriedades rurais que geram emprego, principalmente de arrendamento.

Como resultado, as hortaliças são maravilhosas, e as árvores estão ficando maravilhosas. As espécies frutíferas estão ficando mais bonitas ainda! Imaginem daqui a 3 ou 4 anos a maravilha que estará!

Ao final, o nosso sonho é este. Nós estamos buscando, dentro dos SAFs, a certificação gratuita de orgânicos. O Estado de Minas Gerais talvez seja um dos poucos Estados que possui uma instituição que certifica gratuitamente o agricultor familiar: o Instituto Mineiro de Agropecuária. Por lei, é proibida a cobrança da certificação de agricultores familiares, produtores orgânicos e produtores em transição, que chamamos de SAT — Sem Agrotóxico.

Eu acho que atingi minha meta dentro dos 15 minutos, eu enxuguei minha palestra.

Foi um prazer estar aqui. Muito obrigado. Fiquem com Deus! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Não é que tenha sido uma apresentação enxuta, ela foi orgânica, literalmente. (*Risos.*) A vantagem de



trabalhar com técnicos, e não com políticos, é que técnicos cumprem horário, são didáticos, pedagógicos e disciplinados.

Eu quero agradecer a exposição dos Srs. João Batista, André Luiz e Fernando Cassimiro e dizer que foram muito enriquecedoras, até porque, além do conhecimento acadêmico, eles nos apresentaram o dia a dia dessas aplicações no campo e as suas consequências.

O Sr. João Batista estava tratando comigo aqui de um assunto que nós conhecemos muito bem. Eu queria que ele relatasse essa experiência de uma propriedade do Município de Venda Nova, em que um produtor convencional de café se aborreceu com a plantação de café e resolveu plantar eucalipto no meio da plantação de café.

Na hora em que o eucalipto crescesse, ele iria tirar o café. Ele foi aos dois extremos. Ele era um produtor convencional, nunca participou de debates, apenas plantou eucaliptos com a determinação de erradicar o café. Eu queria que o João depois relatasse essa experiência.

Como técnico, profissionalmente, sou provador de café! O Deputado Zé Silva me descobriu assim e me deu a oportunidade de trabalhar em Minas Gerais. E vamos nos encantando com o dia a dia. Sempre fui convidado, até porque eu me dediquei à área de cafés especiais, cafés um pouco mais finos. Os produtores me convidavam para ir às suas propriedades e identificar sensorialmente na propriedade um talhão ou uma lavoura que pudesse, a partir dali, produzir frutos e que esses frutos pudessem ser frutos superiores ao convencional. Eu tinha algumas técnicas mais empíricas do que propriamente pesquisadas na época e começava a identificar talhões de café, dos quais eu tinha a visão, ainda na planta, que dali poderia dar um café especial.

O grande segredo para a qualidade de café é conseguir alongar o processo de maturação. A maturação do grão das frutas acontece do centro para as extremidades, quando a planta tem o seu ciclo normal. Ou seja, a última coisa que amadurece numa planta é a casca, como se ela dissesse assim: *“Quando a casca estiver madura, você poderá me colher”*. Vamos usar aqui essa simbologia. O sinal de que eu posso colher uma planta, uma fruta, ocorre quando, ao olhar para ela, perceber uma cor que lembra maturação: verde, amarelo, roxo, seja lá o que for.



Esse é o ponto ideal da maturação. Mas, para que essa maturação aconteça no processo normal, a planta precisa ter condições para completar o seu ciclo.

O que acontece às vezes? Quando a planta, seja ela qual for, sofre algum tipo de estresse relacionado a calor, temperatura, sol, irradiação, umidade, deficiência, etc., algum impacto externo, a planta, para enganar o colhedor — estou dando meu parecer sobre café aqui como extensionista —, inverte o ciclo. Ela amadurece a casca para encurtar o ciclo, para que se possa retirar a fruta o mais rápido possível, e a planta, vamos dizer assim, possa continuar o seu ciclo. Mas, para que a planta continue a ter esse ciclo, ela precisa de condições.

Nós começamos a observar que as plantas de café que produziam esse café que estávamos em busca eram plantas que estavam em pé de pedra, numa sombra, estavam protegidas. Eram plantas que tinham um ambiente mais natural perto delas, para que elas, a partir dos nutrientes do solo e mais o sol, pudessem completar o seu ciclo. Nós precisamos de um ciclo em torno de 270 até 300 dias para o café completar esse ciclo perfeito.

O melhor casamento que achei para plantar café foi café e jaca, João! Observei que, quando se planta um pé de café debaixo de um pé de jaca, a única praga que vi foi broca, porque ela está no ambiente e ela precisa sobreviver lá. Mas um pé de café debaixo de um pé de jaca é uma planta perfeita. Ela não tem praga, não tem doença e completa o seu ciclo. É um casamento como se um fosse feito para o outro. É impressionante, digo isso como extensionista. Comecei a observar isso na prática. Eu não contava para o produtor. Tinha essa informação, eu a usava, o café ganhava o concurso, e achavam que eu era o cara! Na verdade eu estava de olho onde a planta estava. Isso me ensinou muito, porque você vai construindo o ambiente.

Hoje, o café mais famoso do Brasil é o café do jacu, que é uma criação que desenvolvemos. Na verdade, não é o jacu, mas é o ambiente. Muito mais do que o produto em si, é o conceito. Para existir jacu, tem que haver mata, floresta, fruta e café. O resultado disso é um dos produtos mais exóticos, porém temos que ter esse conceito.

Eu queria agradecer ao João. E, como isso vai ser publicado depois pela imprensa, eu lhe pediria também que explicasse o que é SAF — Sistemas



Agroflorestais e o que é agricultura orgânica. Aqui, possivelmente, todo o mundo conhece, mas, como está sendo transmitido pela Internet e será retransmitido depois, poderíamos fazer essa explanação.

Pediria, então, que me relatasse essa experiência do eucalipto de um produtor convencional, que foi mais do que convencional, ele foi ao extremo e encontrou outro caminho; e também essa relação entre SAF e agricultura orgânica, para você encerrar a sua apresentação.

O SR. JOÃO BATISTA ARAÚJO - O Sistema Agroflorestal é um consórcio que envolve espécies arbóreas com os cultivos agrícolas que conhecemos e também pode envolver a parte animal. Fundamentalmente, o conceito é esse, de forma simples.

Os sistemas orgânicos têm a agricultura orgânica em si. Trata-se de uma cultura que evita o uso de agrotóxicos e dos chamados adubos minerais solúveis. Basicamente é isso. Ela procura métodos mais sustentáveis para o processo produtivo. Em linhas gerais é isso.

Em relação a um dos agricultores que nós entrevistamos. A propriedade tinha pés de café plantados ainda pelo seu pai e pelos irmãos. Eles depois saíram da agricultura, viraram comerciantes, mas mantiveram a propriedade. Eles plantaram muito café, mas, em função de não terem condições de administrar a propriedade de perto e por conta de problemas trabalhistas e diversos tipos de problemas, eles resolveram plantar eucalipto em tudo. Hoje, como foi dito, eles pensaram em retirar o café depois que o eucalipto se formasse. Isso já deve ter uns 10 anos pelo menos. Atualmente eles colhem 700 sacas de café embaixo do eucalipto, café com baixa produtividade. Eles não adubam. Virou um sistema que está lá, com baixíssima produtividade. Hoje, esse agricultor fala que poderia até manejar com espaçamentos diferentes e tudo. Mas a sua intenção era a de erradicar o café. Antes ele tinha cerca de 30 a 50 pessoas trabalhando na propriedade, tinha que contratá-las; e hoje ele tem apenas 5 trabalhadores. É uma visão mais de grande proprietário que não está vivendo na propriedade no dia a dia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Isso é uma experiência que começou a aparecer aos nossos olhos. É como o João disse: trata-se de um produtor convencional que tentou se livrar do café. Do café foi para o



eucalipto e, do acaso, tentando arrumar outra fonte, de repente, ele redescobriu um negócio a partir da sua experiência, que não é uma experiência à luz da ciência, mas é possível construir, mesmo nos nossos sistemas, um novo encaminhamento.

Eu queria conversar com o André. O Paraná tem culturalmente, no seu povo, agricultura, tradições e valores que encantam o Brasil, e naturalmente esses valores são externados pela agricultura. Como é o processo de discussão de transição da agricultura convencional, nesse debate do convencional, do dia a dia, entre valores e tradições, para sistemas alternativos de modelos produtivos?

O SR. ANDRÉ LUIZ MEDEIROS RAMOS - O Paraná é um Estado muito forte tanto na área agrícola como na área florestal e, portanto, é exportador. Às vezes esse debate é um pouco difícil. Depende da escala do produtor. Essa aproximação, essa parceria é mais fácil com o pequeno produtor e o médio produtor. Agora, em relação ao grande produtor, realmente essa questão econômica tem que ficar clara. A tendência é a seguinte: sistemas mais simples para o grande produtor e mais complexos para o pequeno.

Se formos ao centro-sul do Paraná, onde ainda há florestas, aí, sim, vamos encontrar sistemas mais complexos, como a erva-mate. São muitas espécies que atendem economicamente. A erva-mate é uma cultura de renda importantíssima, uma cultura florestal nativa, que é explorada de forma agroflorestal.

Se formos às áreas mais mecanizadas do norte e noroeste do Estado, vamos encontrar um sistema pastoril e uma agropecuária em outra escala e complexidade diferente. É mais ou menos assim que se divide.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Vamos ouvir agora o Fernando Tinoco, até pela sua experiência extensionista. Eu gostaria que o senhor relatasse, para finalizar, a questão da qualidade de vida desses produtores que optaram por um sistema alternativo e a questão do resultado financeiro, que é importante, porque é o seu negócio, mas também em termos da qualidade de vida e da ambientação desses recursos na propriedade.

O SR. FERNANDO CASSIMIRO TINOCO FRANÇA - Bom, nós vamos adentrar o bojo maior da agricultura ecológica, que envolve produtores orgânicos em transição e os agricultores que estão entrando com o SAF. Dificilmente, quem entra na agricultura ecológica sai dela. E aí vem à tona aquela grande pergunta: "*Por que*



você saiu da agricultura convencional? E por que você não volta para a agricultura convencional?”

É óbvio, pessoal, você adquire mais saúde, você está promovendo a saúde de todos, tanto do ambiente quanto das pessoas que vão adquirir os seus alimentos. Então, é muito prazeroso.

E isso adentra o lado financeiro, sim. Foi feito um estudo na nossa região. São poucas propriedades, mas nós somos hoje certificados em Minas Gerais. Para vocês terem uma ideia de como se trata de um número irrisório, há menos de 400 propriedades orgânicas. Olhem o tamanho de Minas Gerais, e nós temos somente 400 propriedades certificadas.

Obviamente, há centenas de produtores orgânicos não certificados, mas não têm a certificação do selo. Acho que através dele o consumidor acredita mais no produto. O selo dá essa credibilidade. Então, isso é um prazer para o agricultor.

Antes de ontem, tivemos um debate na entrega de prêmio na EMATER. Essa instituição completa 68 anos e está promovendo festas em todo o Estado. No fim do ano, há muita festa, não é preciso nem falar. É o Papai Noel que está chegando e a festa de aniversário da EMATER, em que os agricultores são agraciados.

Por coincidência, a grande maioria dos produtores agraciados na nossa região são agricultores orgânicos. Por que eles foram escolhidos? São avaliados em fatores: satisfação, renda, questão ambiental... Eles estão promovendo a saúde do meio ambiente, eles estão plantando árvores. Não foi possível mostrar isso porque o tempo é só de 15 minutos. Todos eles ou quase todos eles têm um SAF, eles estão fazendo o SAF pequenino à beira do córrego, porque é uma exigência orgânica-ambiental. A legislação dispõe que devem ser recuperadas as áreas degradadas. Em APPs, áreas de Reserva Legal etc., o melhor sistema a ser implantado para recuperar essas áreas degradadas é o SAF; e ponto final. Não há discussão. Inclusive, durante esse prazo, eles podem usufruir e retirar a sua renda, como ocorre naquela propriedade que mostrei, uma área de APP.

Eles estão muitos satisfeitos, Deputado Evair Vieira de Melo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Deputado Zé Silva, V.Exa. gostaria de fazer uso da palavra?



O SR. DEPUTADO ZÉ SILVA - Deputado Evair, serei bem rápido, até porque é importante ouvir as pessoas que estão participando.

Quero cumprimentar os que estão na Mesa e fazer uma referência especial ao Sr. Tinoco. Sou seu colega de trabalho da EMATER, de carreira. Assim que nós assumimos a Presidência — e o Sr. Tinoco já tinha aptidão para o assunto, ele é muito objetivo, assim surgiu o Tinoco “orgânico” —, nós criamos na EMATER uma Coordenadoria de Agroecologia. A EMATER está em 800 Municípios de Minas. Realizamos o I Congresso Brasileiro de Agroecologia, sob a liderança do Sr. Tinoco. Depois, quando fui Secretário, fizemos a primeira Lei de Agricultura Orgânica e Agroecologia do País.

Por isso, Sr. Tinoco, nós o convidamos para vir aqui!

Fico vendo as fotografias e as experiências, e noto que ele é muito objetivo, quando diz que o agricultor precisa continuar sobrevivendo. Quando fala de não retornar para o sistema convencional, acho que, muito mais do que a questão financeira, há a questão da consciência, ao visitarmos os produtores rurais.

E vi, nas suas fotografias, que tudo está começando. Por isso, Sr. Tinoco, o objetivo de realizarmos este seminário aqui: o que acontece na Câmara dos Deputados tem que ser uma ressonância dos anseios da população. Precisamos ter mais adeptos a esse sistema. Nós sabemos que nem todos do Brasil nem do mundo vão aderir à agroecologia. Ele é um sistema de transição, como o senhor mesmo disse. Mas é fundamental a sua participação como extensionista e como coordenador, além da participação do João e do André. Sou muito de trazer as experiências exitosas, por isso a importância da presença do Sr. Ernst e de outros que poderão contribuir.

Queria agradecer a V.Exa., Deputado Evair Vieira de Melo. Cumprimento-o por sua atuação na Câmara dos Deputados, neste seu primeiro mandato. V.Exa. se empolga com a sua história na agricultura, com a do seu pai e a da sua família. Acho que esse é o nosso grande objetivo.

E quero homenageá-lo, Sr. Tinoco, assim como toda a equipe da EMATER de Minas Gerais, nossos quase 3 mil colegas!

Desejo a todos que, a cada dia, tenham mais consciência em relação à produção com sustentabilidade.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Obrigado, Deputado Zé Silva.

Abro agora a plenária. Peço a quem queira fazer algum questionamento ou arguição à Mesa que se identifique, dizendo o nome, a cidade e a instituição à qual pertence. *(Pausa.)*

Dizem que, quando não há pergunta, ninguém entendeu nada ou todos entenderam tudo. Para fazer uma média com os meus convidados, digo-lhes que os senhores fizeram sucesso!

Gostaria de agradecer a todos a presença, antes indagando se algum convidado desejaria fazer alguma ponderação final.

O SR. DEPUTADO ZÉ SILVA - A que horas retornaremos?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Vamos retornar às 12h40min. *(Pausa.)* Na verdade, poderemos ir até às 12h40min. Indo até esse horário, o retorno seria às 14h.

O SR. DEPUTADO ZÉ SILVA - Consulto V.Exa. se podemos antecipar o retorno, já que vamos ganhar meia hora. Isso é possível?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Havendo o aval dos convidados, não haveria dificuldade alguma. Retornaríamos a palavra agora aos prelecionistas, para as considerações finais, concedendo 1 minuto a cada palestrante, e retornaríamos às 13h. Preciso apenas checar, junto aos palestrantes, essa possibilidade.

Enquanto isso, concedo a palavra aos nossos prelecionistas, para as considerações finais, por 1 minuto.

O SR. JOÃO BATISTA ARAÚJO - Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer novamente o convite. Agradeço ao Evair — não tenho o costume de falar Deputado Evair, porque são 20 anos falando apenas Evair! —, às Comissões que promoveram este evento e à Câmara dos Deputados.

Eu gostaria de ressaltar algo importante: nós precisamos promover e ter instrumentos públicos que promovam essas práticas. É fundamental que tenhamos editais, leis e outros instrumentos nos Municípios, nos Estados, nas Prefeituras. Acho que este diálogo é importante para avançar e concretizar mais as coisas que aqui foram expostas.



Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Estão presentes os Srs. Ernst Götsch, Juã Pereira, Rômulo Araújo e Eduardo Malta? (*Pausa.*) Então, está resolvido: a aula vai começar mais cedo.

(*Intervenções fora do microfone. Inaudíveis.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Vamos, portanto, para as considerações finais. Esta Casa é de intermediação e de acordos. Vamos encerrar os trabalhos da Mesa. Abri espaço para perguntas e ninguém se manifestou.

Concedo a palavra ao Sr. Fernando para as suas considerações finais.

O SR. FERNANDO CASSIMIRO TINOCO FRANÇA - Vou encerrar a minha fala também com agradecimentos. Novamente agradeço à Casa o convite, e agradeço especialmente ao Deputado Zé Silva e aos colegas extensionistas.

E a máquina não para! Para os mineiros que estão pertinho de Sete Lagoas informo que amanhã haverá um curso de agricultura ecológica e de SAF. Estão todos convidados. Haverá comida orgânica e sucos orgânicos. Não é preciso pagar nada. Será em Jequitibá, ao lado de Sete Lagoas. Quem estiver voltando para Minas está convidado para fazer o curso conosco.

É um prazer estar novamente aqui com os senhores. Muito obrigado!
(*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Obrigado.

Com a palavra o Sr. André Luiz Medeiros Ramos, do IAPAR.

O SR. ANDRÉ LUIZ MEDEIROS RAMOS - Gostaria de agradecer de novo o convite das Comissões de Meio Ambiente e de Agricultura e parabenizo-as pela escolha do tema, que é muito importante.

Faço votos de que esta discussão de hoje deixe bem clara a ideia de que o universo é muito grande, o potencial é muito grande, o desafio é muito grande, mas também são grandes as oportunidades. Desejo sucesso aos trabalhos!

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Evair Vieira de Melo) - Obrigado!

Eu preciso fazer um acordo com os senhores. Na verdade, nós antecipamos a nossa agenda em quase 30 minutos, dada a eficiência dos nossos prelecionistas.



Contudo, no horário de encerramento, há sempre aquele drama, porque a Câmara tem uma dinâmica própria, viva, intensa, do dia a dia. Estamos com a Ordem do Dia aberta lá no Plenário, que está em processo de votação para membro do Conselho Nacional de Justiça. Poderíamos fazer um esforço para nos precavermos de um imprevisto ao final.

Por isso, eu queria contar com a compreensão dos senhores para que, a partir das 13h30min, nós estejamos aqui. Diante da presença dos prelecionistas, sem nenhum fator externo que possa atrapalhar, poderemos reiniciar as atividades às 13h30min. Caso venha a ocorrer alguma coisa diferente disso, retornaremos às 14 horas. Mas eu queria pedir a cada um que ajustasse a agenda. A Casa tem uma dinâmica própria, e o processo de eleição para membro no Conselho Nacional de Justiça está aberto. Inclusive, o Presidente pode mandar suspender o seminário a qualquer momento, para a nossa convocação, o que poderia comprometer o relatório final.

Portanto, eu queria propor um ajuste. Façamos um esforço coletivo. Cada um ajustará sua agenda para as 13h30min, horário em que nos apresentaremos novamente e, numa situação de normalidade, iniciaremos o trabalho. Com certo ajuste, ganharemos horário ao final do dia para prolongarmos os debates que poderão surgir em relação ao nosso tema.

Todos concordam? (*Pausa.*) Obrigado a todos pela compreensão!

Declaro encerrados os trabalhos desta parte do dia, convocando todos para estarem presentes às 13h30min, a fim de prepararmos e darmos início às próximas atividades.